

O GLOBO

SPORTIVO

· ANO XIII · 1 - XII - 1951 · Nº 668 ·

Revelações
FRUSTRADAS

O MESTRE dos MESTRES

As batalhas do
BANGU



BIBLIOTECA
NACIONAL
de
Rio de Janeiro

BANGU



JURANDIR

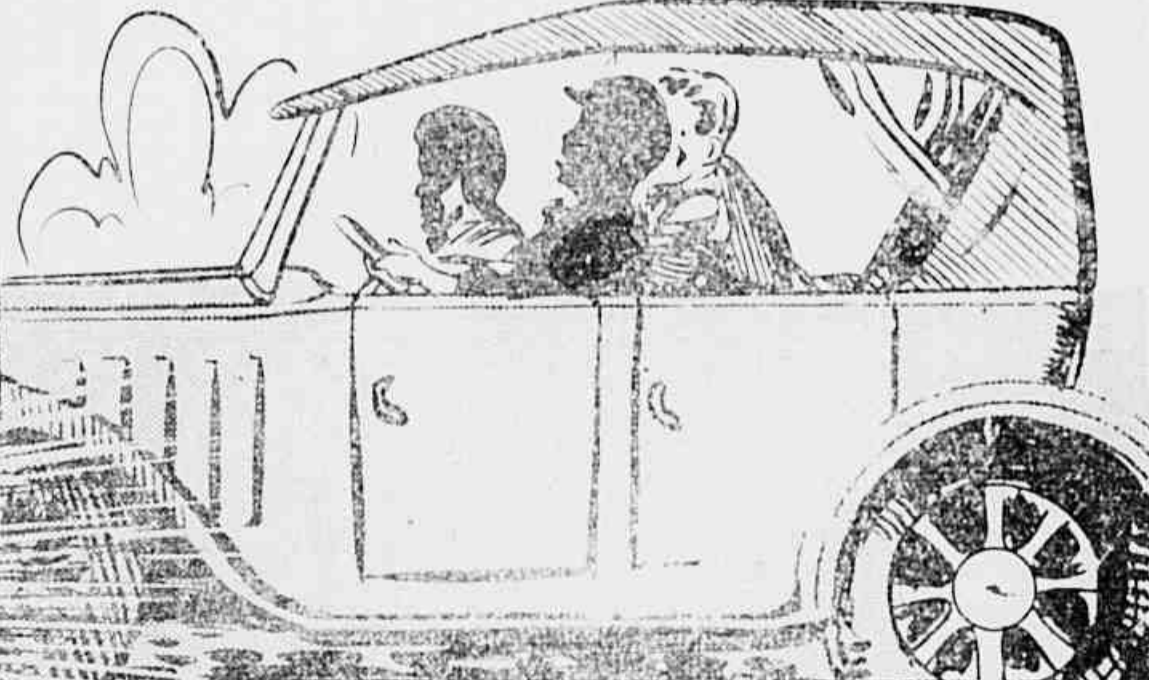
Jurandir Corrêa dos Santos começou a brilhar na equipe do extinto São Bento, de São Paulo. Foi num jogo com o Vasco, aqui em São Januário, em 1933, que Jurandir apontou como estrela de primeira grandeza. Defendeu como um leão, embora acabasse perdendo o jogo por 2x0.



Em 34 foi contratado pelo Fluminense, mas fracassou inteiramente. Tanto que o clube tricolor o devolveu meses depois ao São Bento, de graça. O Palestra interessou-se por "Jura" e ele voltou a brilhar nos campos paulistas, chegando, em 1936, ao scratch brasileiro. Até 38 foi um dos ases palestrinos, mas nesse ano entrou em litígio com o clube e ficou afastado do time largo tempo.



Em 1940 foi chamado para o scratch nacional que iria disputar a Copa Roca, em Buenos Aires, e nesse mesmo ano foi contratado pelo Ferro Carril Oeste. Passou-se, depois, para o Ginásia e Esgrima. Por fim, retornou ao Brasil em 1942 para ingressar no Flamengo. O clube rubro-negro, que estava deslocado no primeiro turno, reagiu sensacionalmente nos segundo e terceiro turnos até sagrar-se campeão. E Jurandir contribuiu com uma grande parcela para esse sucesso.



No Flamengo, Jurandir foi campeão de 1942, 43 e 44, além de integrar a seleção carioca e também a brasileira, participando do sul-americano de 1945 no Chile. Jurandir ficou no rubro-negro até 1946, quando retornou a São Paulo. Jogou ainda algum tempo pelo Comercial, no qual passou depois a técnico. Depois, porém, dedicou-se exclusivamente a sua escola para chauffeur, que vem dirigindo até os dias de hoje, sem mais querer saber de futebol.



NESTE NÚMERO

	página		página
Bola na rede	3	Revelações frustradas	20
O fim do futebol brasileiro	4	Quadros argentinos que visitaram o Brasil	20
Contagem mínima numa grande vitória	6	Oito vezes campeão	22
O quiper de 38	8	Grande vitória fora do campeonato	23
Petronilho, o rei do malabarismo	10	A conquista do recorde	24
As batalhas do Bangu	12	O mais belo físico carioca	24
O mestre dos mestres	14	Na capa: Zizinho	
Surdo, mudo e explosivo	16	Na contra-capas: Trio final do Vasco	
Bilhetes do leitor	18	Nas capas internas: Jurandir e Délio Neves	



DOIS DEDOS DE PROSA QUE "BICHO" DEU?... PAVÃO!...

Nunca dois técnicos falaram verdades mais concretas do que Flávio Rodrigues da Costa e Alfredo Moreira Junior (Zezé Moreira). Ambos, depois do sensacional Fla x Flu que passou, teceram considerações com a reportagem, nos respectivos vestiários.

— Todos estão satisfeitos, comemorando o triunfo entre alegrias desmedidas, menos eu. Como técnico, confesso estar deveras apreensivo. Vislumbrando o futuro, temendo por qualquer desmando que por ventura possa advir. É a gravidade do momento atual, transformado em mais perigoso ainda, pelas circunstâncias...

E depois de um ligeiro intervalo para chupar ambas as bandas de laranja que tinha nas mãos:

— Vencemos, mas o importante não é somente vencer. Quero a vitória, mas convincente, sem ver o quadro que oriento confuso, "embrulhado"...

— Alguma justificativa?

— O estado do campo. A cancha pesada haveria fatalmente de vir em prejuízo do time mais leve. Daí o nosso retratamento, para garantir um gol. Em vez de nos lançarmos desesperadamente em busca de mais tentos, com riscos de sofrermos outros tantos...

Flávio Costa mostrava-se irritado, se bem que conformado, todavia. Dêle ouvimos o seguinte:

— Somos, até na reação, uns "cabeças de bagre"... Dominamos, porém através um falso domínio. Precisávamos de categoria, para vencer facilmente. Há uns "cabeças de bagre" que se escondem, na hora precisa dos tiros de misericórdia. Quando não acontece isso, saem uns "petelecos"...

E entre um e outro suspiro:

— Já trabalhamos tanto e, evidentemente, teremos de continuar trabalhando dobrado, para chegarmos ao ponto desejado!...



MAIS UM QUE TEME O BOTAFOGO

Algisto Lorenzato, o popularíssimo Batatals, foi nosso companheiro de condução, no retorno do Maracanã. E, como sempre, o futebol não poderia deixar de ser o assunto predileto. A certa altura, porém, depois de tecer uma série de considerações sobre o sistema tático do Fluminense — ele o considera idêntico ao do time italiano do Juventus — o famoso guardião internacional que tantas glórias alcançou para o tricolor, juntou-se à campanha do "mais um".

E outro a fazer o mesmo aviso, já anteriormente feito pelo próprio técnico Zezé Moreira:

— Estão pensando que o Campeonato já está decidido? Pois se assim o julgam ainda poderão sofrer uma terrível desilusão.

— ...? — Afora o Bangu, evidentemente ainda dentro do pareo dos candidatos reais, não esqueçam o Botafogo. O alvi-negro, cuja defesa está cansada de ganhar jogos sózinhos...

BENÍCIO, O INCRÍVEL!

Benício Ferreira Filho, o já tão popular diretor de futebol do Fluminense, fez mais uma das suas. Tipicamente suas. Terminado o Fla x Flu, no meio do vestiário e entre os abraços e vivas da satisfação incontida, pelo triunfo, Benício saiu-se com outra "boa". Tirou a camisa de cambraia e pediu ao roupeiro uma camisa tricolor, das limpas. Disse então:

— Hoje não tomarei banho, mas vestirei esta jaqueta número onze, para me sentir algo mais do que tenho sido...

E Benício, o incrível, pousou para os fotógrafos "fantasiado" de atleta...

FRANGO, E DE RAÇA!...



Desta feita coube a Antoninho, arqueiro da equipe de aspirantes do Flamengo, as honras de "comedor de frangos". No plural, porque não foi apenas um: foram dois. A equipe rubro-negra mandou no jogo o tempo todo, mas Antoninho — um bom moço e que se tem revelado em tantas oportunidades um arqueiro de futuro — resolveu complicar a história, presentando os tricolores com aqueles dois rechonchudos "galináceos"...

Isso foi real e quem estava à porta da saída do estádio do Maracanã, do interior do gigante de cimento armado, bem entendido, pôde presenciar tal fato. Carlyle saiu de camisa aberta, braços estendidos normalmente, testa franzida. E atrás do líder dos artilheiros lá se foi uma boa coleção de garotos, uns cinquenta, mais ou menos. Entoando em coro: "Pavão"! "Pavão"! "Pavão"! Carlyle ia caminhando normalmente. Até que

um deles, cá de trás, ironicamente perguntou:

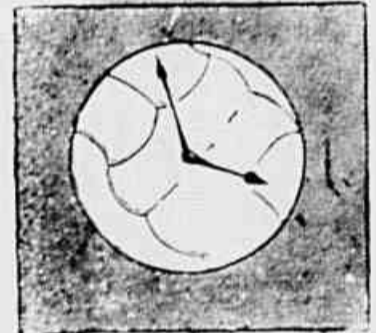
— Que "bicho" deu?

— "Pavão"! "Pavão"! "Pavão"!...

O comandante mineiro parou oruscamente e cerrou os punhos, girando sobre os calcanhares. Olhou enfurecido, mas como dentro os seus "perseguidores" não havia um sequer de calças compridas, sorriu e acabou por desisttir...

UM MINUTO

Na história do clássico Fluminense x Flamengo, o tradicional Fla x Flu que desperta tanta sensação, há de ficar gravado na memória de todos, vários minutos. Desde aquele do gol da autoria de Orlando, o do chute de Carlyle na trave, o outro gol certo que o próprio Orlando desperdiçou, bem como ainda as chances inaproveitadas pelo rubro-negro. A jogada de Aloisio, por exemplo, cobrindo espetacularmente Castilho, para Pindaro despontar na hora precisa, como autêntico salvador. O minuto da jogada pessoal de Joel, atirando violentamente pelo alto, para o arqueiro milagrosamente mandar para corner, etc. O minuto mais emocionante, porém, foi o de outro chute e outra defesa de Castilho. Quando o jovem ponteiro-direito recebeu atrasado, fugiu ao seu marcador e driblou mais um adversário, para visar o arco de fora da área. Castilho defendeu parcialmente. A bola fugiu-lhe das mãos e veio para trás. O guardião voltou-se rapidamente, atirando-se sobre ela. Foi feliz, porque a pelota ao tocar no chão — vários palmos atrás de si — juntinho da linha de gol, tomou efeito contrário, como se fosse bilhar e... voltou. Aquela altura, vencida o líder por 1x0, é verdade, mas as consequências daquela jogada poderiam ser terríveis. Valeria como o "maior frango do ano" e dificilmente não levaria o tricolor à derrocada. Foi um minuto decisivo na história do grande clássico.



REVERSO DA MEDALHA

De uma feita, há poucos anos, o juiz Alberto da Gama Malcher foi barbaramente agredido, a "barra de ferro", por um associado rubro-anil, no campo do Bonsucesso. Agora, domingo pas-

sado, o árbitro Mario Viana, coadjuvado por alguns milicianos da Polícia Especial, agrediu um dirigente leopoldinense e mais dois outros, que foram em defesa do primeiro. Segundo as alega-

ções dos rubro-anis, as agressões foram consumadas a "sóco-ingles"! — Algo demais? — Não, apenas o "reverso da medalha"...

PROFECIA!...

Eram 11 horas da manhã de domingo, quando o reporter — que descia tranquilamente a rua das Laranjeiras — teve sua atenção despertada para um carro. Este parou, a altura da rua Alice. Quatro titulares do líder que retornavam à concentração da rua Mario Portela. Castilho, como chofer. Orlando, seu companheiro de banco da frente, com a dupla de mineiros de São João del Rei (Telê e Edson) sentados atrás. Aproveitando a clássica "carona", pois ambos não gostam de ir além de uma simples passagem de bonde — e cada qual paga a sua. Rápidos cumprimentos e, enquanto o trânsito não ficava livre, dando passagem ao carro de Castilho, houve um pequeno diálogo entre o reporter e o "Pingo de Ouro".

— Será hoje a queda?...

— Nada disso, dia de Fla x Flu é o meu dia...

Depois da repetição integral do que se verificou no jogo do turno, será preciso ainda explicar que se confirmou a profecia?...

A fim do FUTEBOL BRASILEIRO

AMADORISMO E PROFISSIONALISMO, UM TEMA VELHO QUE SEMPRE SE RENOVA — NA DIVERSIDADE DE OPINIÕES —

NAO HA PARALELO A FAZER

A PESAR de passados tantos anos desde a implantação do profissionalismo, há ainda os que acreditam ser o futebol do passado superior em muito ao que se joga atualmente nos gramados brasileiros, sem aquela auréola do amor ao clube. O saudosismo é um termo que entrou definitivamente para a terminologia futebolística, e garantimos que em qualquer época haverá os que falam nos craques do passado como insubstituíveis. É justamente a propósito da reportagem publicada pelo O GLOBO SPORTIVO, em que foi focalizada a questão, procuramos ouvir vários desportistas, do rol dos que começaram os seus dias no futebol ainda no tempo do amadorismo. São jogadores, dirigentes, enfim, desportistas do tempo antigo, que vêm desfilar suas impressões sobre o tão falado fim do futebol. É claro, a evidência dos fatos não permite que haja opiniões por tal forma extremadas, mas ainda assim há os que vêm mais vantagem no futebol jogado antigamente, com jogadores mais técnicos do que os que aparecem nos nossos dias.

PARA Bernardo Wull, por exemplo, não há paralelo a fazer, primeiro porque no tempo do amadorismo os jogadores não gozavam do conforto material e moral que hoje os clubes possuem e podem oferecer aos profissionais, tais como concentrações, hospedagem, serviços médicos completos, técnicos de futebol. Naquela época raramente a equipe possuía um técnico, pois o próprio diretor da seção de futebol é que dirigia e orientava as equipes. Nos últimos anos do amadorismo, realmente, houve técnicos e eu posso me lembrar assim, de Platero, do Vasco da Gama, e uruguaio Bertoni, do Flamengo e o veterano Welfare. Com a vinda do profissionalismo o futebol tomou uma orientação nova, para o que contribuiu muito a vinda do técnico húngaro Kruschner, que por sinal foi muito combatido no próprio clube que o acolheu, que foi o Flamengo. No entanto hoje em dia é reconhecido como um grande técnico e a quem os melhores coaches de hoje atribuem serviços inestimáveis. Voltando ao passado, eu me lembro que a maioria dos jogadores dos clubes, as equipes do Flamengo, Fluminense, Botafogo, América eram formadas por universitários e alguns comerciários e outras por empregados de indústria. Portanto, todos com obrigações certas e para a direção técnica reuni-los sempre tinha dificuldades, dada a necessidade dos pedidos de licença aos patrões e a falta às aulas por parte dos universitários, presos aos seus deveres de estudo. O treino noturno não era conhecido naquela época, simplesmente porque não existia a inovação da luz artificial. O prêmio dos jogadores após o ensaio, no tempo do amadorismo, era ter direito a refrigerantes no bar do clube, e umas sodas no intervalo dos mesmos. Somente nos últimos anos do amadorismo é que já os clubes ofereciam uma refeição e com muito sacrifício conseguiam fazer uma concentração no próprio clube, onde os jogadores dormiam e faziam seus treinos matinais, e tinham após o treino um lanche. E também foi introduzido o sistema de um vale para o taxi, para os que pudessem abandonar os seus afazeres mais cedo, a fim de chegar ainda a tempo de participar do treino de conjunto, o que acontecia uma vez por semana, geralmente às quintas-feiras. Isso nos grandes clubes. Reconheço entretanto que, a despeito desse desconforto, esforçavam-se e sacrificavam-se mais, pois muitas vezes não tinham condições físicas e em situações precárias entravam e participavam do jogo, por amor à camisa do clube para conseguir uma vitória para suas cores.



FONTAINHA E BERNARDO WULL

O FUTEBOL PRECISA VENCER O DINHEIRO

DIZEM as velhas crônicas, que nunca se torceu como o popular e entusiasta rubro Fontainha. Ele tem uma crônica na história do futebol antigo, e até hoje não se conforma com os rumos que o futebol tomou com o profissionalismo. Fontainha diz: "Quando é que apareceu um Fausto nos dias do futebol moderno? Tinoco — Fausto e Mola, uma intermediária que talvez nunca mais venha a ser formada com craques de tal quilate. Um Nascimento, um Floriano e um Fortes, ainda não fo-

A MAIOR INTERVENÇÃO DE BULAU...



Geraldo Bulau é um dos bons elementos do São Cristovão, tendo até sido cobiçado por vários clubes, faz pouco tempo. Mas o clube alvo, ou porque quisesse mais dinheiro ou precisasse do seu jogador, não chegou a concluir qualquer negociação com Bulau.

E como jogador de recursos num quadro pequeno, Geraldo Bulau já tem salvo muitas situações críticas junto ao seu arco. Mas a sua intervenção que considera mais importante, foi num jogo com o Vasco, em Figueira de Melo, no ano de 49. Afinal o Vasco acabou ganhando por dois a um.

Mas não por culpa de Geraldo, que praticou uma grande intervenção quando o marcador estava em 1 x 1. O goleiro naquele tempo, o Joel que hoje está no Canto do Rio, foi vencido por uma bola cruzada por Chico e que Ademir cabeceou. Mas Geraldo estava mesmo na linha de gol e cabeceou para a frente, salvando o arco alvo de novo gol.



ADEMAR PIMENTA

levados em consideração vários e importantes fatores, cada vez que se pretenda analisar ou confrontar o futebol das eras no Brasil. E Teófilo completa: "Nos dois regimes pode-se apontar nomes igualmente grandes, sendo que no passado havia mais sacrifício por parte dos jogadores. Talvez isso valorize um pouco mais os craques de antes, pois os de hoje têm múltiplas regalias, e, em-

necessário que não pereçam os valores individuais, e isso não tem acontecido no presente, nem creio Pimenta que aconteça para o futuro. Carlito Rocha, com por cento futebol, acha que não interessa o antes e o depois. O que é preciso é formar sempre jogadores, dar oportunidade a quem tem valor e se o profissionalismo tem várias desvantagens, também tem uma que não pode ser discutida: a oportunidade que os jogadores têm de se dedicar somente à bola, o que faz crescer incalculavelmente o âmbito dos que quiseram se dedicar ao futebol. Só isso é uma garantia de que o futebol não morrerá nunca.



CARLITO ROCHA

bora apresentem também excepcionais qualidades técnicas, muitas vezes não rendem o que deles se espera, como foi o caso do Mundo". Já Oswaldinho, como jogador de renome que foi, acha-se suspeito para apontar nomes que tenham sido melhores do que os que andam pelos gramados dos tempos modernos. E Oswaldinho acha que o profissionalismo não é capaz de modificar os predicados técnicos de nenhum jogador, concluindo que, assim como no passado havia craques fabulosos, também no presente eles poderão dominar as torcidas.

Ademar Pimenta creio que a dúvida entre futebol antigo e moderno persiste somente com respeito às táticas. Como em todas as atividades há a hegemonia de certa e determinada escola, e os valores que são moldados jogam de acordo com a orientação vigente. Mas para que haja futebol é



TEÓFILO

ram igualados até hoje. Antigamente dava gosto assistir ao futebol, havia mais sangue por parte dos jogadores e dava gosto ver um Floriano entrar em campo com uma espinha inflamada no nariz, para defender o seu clube numa mesma refrega. O mal talvez seja do profissionalismo mal dirigido. Não do profissionalismo em si, mas pelos exageros, como o caso atual do Bangu, que contrata um jogador de renome por uma quantia fabulosa, só por meses, só para tentar ganhar um campeonato. Isso é deprimente, e resta o consolo de ver um Fluminense, fazendo grande figura no certame, dispondo de um time quase que formado em casa. O mal não é só do profissionalismo, é do excesso de dinheiro que alguns clubes gastam para resolver imediatamente os problemas do time. É preciso que o futebol vença o dinheiro!

CRAQUES E TECNICOS DO PASSADO

MUITOS grandes craques do passado ainda andam pelas ruas da cidade, ocupados nas mais diversas atividades. Teófilo foi craque do tempo de grandes nomes, como Fausto, Floriano, Fortes, etc., e na sua opinião tem que ser

... E O SEU MAIOR FRACASSO



Mas nem por ser o melhor jogador de defesa que anda em Figueira de Melo, Geraldo Bulau deixou de fracassar algumas vezes, coisa que afinal acontece na carreira dos maiores craques. O lance que Bulau considera o seu maior fracasso verificou-se faz poucos dias, na partida em que o Flamengo venceu por dois a zero.



Mas por ironia do destino, Geraldo, que na Gávea, no turno, havia marcado o gol com que o São Cristóvão empatou com os rubro-negros por um a um, em Figueira de Melo teve a infelicidade de ver a bola ir às rédes por culpa sua, abrindo o escore para o Flamengo.



O lance desenrolou-se da seguinte forma: Aloisio vinha na corrida e chutou firme na direção do arco. Geraldo Bulau que vinha também no lance, preparou o pé para intervir, mas quando tentou puxar, a bola que vinha fortemente impulsionada bateu no seu pé, tomou efeito e foi às rédes, sem que Geraldo pudesse fazer qualquer tentativa de corrigir a "furada".



Também esteve entusiasmada, como sempre, a torcida do Flamengo. Ela se reuniu nas arquibancadas e aos gritos procurou incentivar os integrantes da equipe rubro-negra.



E mais uma vez o ex-prefeito general Mendes de Moraes foi convidado a dar o "kickoff" do Fla-Flu, aparecendo em campo entre os jogadores dos dois grandes clubes.



Os palhaços jogando pó de arroz na "girl" e o sócio do Sr. Getúlio Vargas foram motivos de atração para os aspectos sugestivos da competição das torcidas.

CONTAGEM MÍNIMA NUMA GRANDE VITÓRIA

MESMO PLACARD DO TURNO
NO FLA-FLU DO RETORNO

De VASCO ROCHA

ANTES de mais nada devemos reconhecer que foi uma grande partida, assistida por público bastante numeroso, que viveu as emoções eletrizantes e dramáticas do Fla x Flu — a peleja que vai recuperando o seu antigo prestígio e que novamente se vai firmando como o maior "clássico" da cidade, sejam quais forem as posições que os dois tradicionais rivais ocupem na tabela das classificações do certame oficial. E para aumentar as atrações que o jogo por si mesmo ofereceria, traduzindo-se pela velha rivalidade existente entre tricolores e rubro-negros, houve o espetáculo extra da "competição das torcidas", patrocinada pelos nossos confrades de "Jornal dos Sports", e que, desta vez, em face da feição interessante que lhe emprestou o grêmio das Laranjeiras, alcançou êxito ainda maior do que por ocasião da peleja do turno. Porque a verdade é que o Fluminense, muito mais do que o Flamengo, desejando oferecer aos seus afeiçoados um motivo de júbilo maior do que o simples fato do clube manter a liderança absoluta do campeonato, organizou, para a "competição da torcida", um programa verdadeiramente perfeito e original, acabando por dar, sobre os rubro-negros, um autêntico "passêio na raia" com a estrondosa vitória conseguida — tornando-se assim bi-campeão do certame extra criado pelos colegas de "Jornal dos Sports". Nas arquibancadas os tricolores souberam incentivar em entusiasmo os seus jogadores, ao passo que, na cancha, à hora do julgamento, os tricolores apresentaram números sugestivos como o grupo de palhaços vestidos à caráter, dando cambalhotas e enchendo de pó de arroz a "girl" da trupe, o anãozinho vestido de rubro-negro e o gigante com a camisa tricolor, conduzindo o cartaz "Qual o maior", o sócio do Sr. Getúlio Vargas acompanhado do cartaz que dizia "Eu também sou Fluminense", e, por fim, a apresentação de um time de meninos de cinco a seis anos, envergando a camisa tricolor, querendo dizer que o quadro do Fluminense é formado de "brotinhos". Enfim, o Fluminense soube dar originalidade e personalidade à "competição das torcidas", alcançando outro merecido êxito.



CONTAGEM IDÊNTICA, ALTERNATIVAS DIFERENTES

E DEPOIS da "competição das torcidas" realizou-se o match. Um grande match. Um match que teve alguma coisa, alguma semelhança com o match do turno. Pelo menos pela contagem final verificada e pelo nome do autor do tento. A contagem sendo um a zero e o herói da tarde o meia Orlando. E diga-se que a vitória do Fluminense foi lúcida, que o lance nasceu de jogada rápida, em que pese dizer-se que assim não pensou a defesa rubro-negra, ou melhor, Pavão, que, achando que houvera antes impedimento, parou na expectativa do árbitro assinalar a infração. E se a contagem e o autor do tento foram idênticos ao do primeiro Fla-Flu, muito diferentes foram as alternativas do jogo — como também o tempo que o Fluminense levou para conquistar o seu tento de vitória. Isso porque, no primeiro Fla x Flu, o goal do grêmio das Laranjeiras só surgiu no segundo período, quando o Flamengo havia se inflamado e estava jogando mais, ao passo que, no segundo Fla x Flu, o gol apareceu aos seis minutos da fase inicial — quando o Fluminense estava comandando as ações na cancha. E diga-se que o Fluminense continuou comandando as ações em quase todo o transecurso do primeiro período — o Flamengo lutando mais na defesa que no ataque.

O sensacional Fla x Flu

FOI DISPUTADO
COM A FAMOSA
BOLA



DRIBLE



Bria, capitão do Flamengo, e Carlyle, capitão do Fluminense, assistidos por Gama Malcher, juiz do Fla-Flu, cumprimentando-se antes do início do match.



Garcia aguarda a descida da pelota para defender, apossado por Telê — e o arqueiro rubro-negro levou vantagem no lance, pulando primeiro e agarrando com segurança.

Mas, diferentes, muito diferentes, aconteceram as coisas no segundo tempo — com as alternativas do jogo. O Flamengo cresceu, assustadoramente, na defesa e no ataque, elevando muito o volume de jogo, realizando cargas tremendas e perigosas, fazendo descer a produção do Fluminense — que, dominado, caiu na defensiva, raramente indo ao ataque, e assim mesmo quase que exclusivamente por intermédio de Carlyle ou Quincas, desde que os demais integrantes da ofensiva haviam descido para auxiliar a defesa.

UM TEMPO PARA CADA BANDO

DE fato, foi isso o que aconteceu. O Flamengo começou sem muito elan e o Fluminense predominou pela sua maior produção e pelo acerto de suas jogadas, defesa e ataque bem entrosados. O quadro tricolor atacou com muita decisão e exigiu muito da defesa rubro-negra, que não estava ainda agindo com segurança — tanto que o tento de Orlando constituiu-se em um “frango” pelado que Garcia deixou passar — pelado por que foi rasteiro, o “frango” não tendo penas e asas para voar... Nos primeiros quarenta e cinco minutos foi nitida e indiscutível a superioridade dos tricolores, não tendo a exiguidade do placard de um a zero feito justiça à sua supremacia territorial e técnica — principalmente levando-se em consideração que os tricolores perderam excelentes oportunidades para aumentar. Uma vez Carlyle colocou a bola na trave lateral quando Garcia estava completamente batido e doutra feita Quincas atirou de dentro da área e Garcia rebateu com o pé. O que não restou dúvida é que

o Fluminense mandou em campo no primeiro tempo e perdeu boas oportunidades para elevar a contagem a seu favor.

No segundo período, porém, tudo mudou. O Flamengo cresceu, agigantou-se, e lutou com bravura e energia, procurando igualar a contagem. Passou o clube da Gávea a atacar cerradamente, a exercer pressão, a predominar. Um predomínio infrutífero, porém, desde que a ofensiva desmandava-se em confusão nas finalizações, arrematando sempre mal — verdade que lutando contra a sólida defesa tricolor, sólida e muito ativa. Todavia, os rubro-negros tiveram oportunidades magníficas para marcar. Uma vez Castilho largou um tiro de Joel e teve tempo de voltar o corpo e agarrar novamente a pelota que se encaminhava para a sua meta. Depois, foi Aloisio cobrindo Castilho de maneira espetacular. E quando todos os afeitos rubro-negros se levantavam nas arquibancadas para festejar o gol, surgiu Pindaro e milagrosamente salvou com sensacional puxada. E se o Fluminense predominou no ataque no primeiro tempo, no segundo preocupou-se mais com a defesa, pondo em execução o “ferrolho” que o Flamengo lutou com energia e vivacidade para destruir, sem o conseguir, porém. O esforço dos rubro-negros, a sua extraordinária reação do segundo tempo, valorizou e deu maior significação à vitória do Fluminense, que, diga-se de passagem, soube também trabalhar com empenho e denodo para o resultado final verificado.



O que é certo e o que vale a pena acentuar é que a partida foi repleta de grandes lances, disputada com muita energia e entusiasmo, confirmando, plenamente, a tradição do Fla x Flu como o maior “clássico” da cidade.



Dentro da grande área rubro-negra, Pavão, cuja única preocupação foi Carlyle, rechaza de cabeça, cortando o centro para o comandante tricolor, ainda vigiado por Bria.



Atirada a pelota por Orlando, que está por trás de Didi, Garcia defende com segurança, enquanto Bria e Dequinha, ao longe, acompanham o lance.

OS OUTROS JOGOS

CUMPRIDA a quinta rodada do campeonato carioca, passou a ser a seguinte a colocação dos clubes: 1.º — Fluminense, com vinte e quatro pontos ganhos e quatro perdidos; 2.º — Bangu, com vinte e três ganhos e cinco perdidos; 3.º — Botafogo, com vinte ganhos e oito perdidos; 4.º — América, com dezessete ganhos e onze perdidos; 5.º — Vasco, com dezessete ganhos e doze perdidos; 6.º — Flamengo, com dezessete ganhos e treze perdidos; 7.º — Olaria, com quinze ganhos e quinze perdidos; 8.º — São Cristovão, com onze ganhos e

dezenove perdidos; 9.º — Bonsucesso e Madureira, com sete ganhos e vinte e três perdidos; 10.º — Canto do Rio, com três ganhos e vinte e sete perdidos. As arrecadações da rodada foram as seguintes: Fla x Flu — Cr\$ 1.179.801,00; Bonsucesso x Botafogo — Cr\$ 40.570,00; Bangu x Madureira — Cr\$ 20.580,00; América x Olaria — Cr\$ 18.105,00; e Canto do Rio x São Cristovão — Cr\$ 5.925,00, com o total de Cr\$ 1.264.981,00. Os marcadores da rodada foram os seguintes: Fluminense 1 (Orlando) x Flamengo 0; Botafogo 4 (Pirilo 2, Paraguai e Jarbas de penalty) x Bonsucesso 1 (Saladuro); Olaria 2 (Washington e Maxwell) x América 1 (Moacir contra); São Cristovão 3 (Cunha, Geraldino e Cunha)

x Canto do Rio 1 (Emanuel); Bangu 3 (Nivio e Moacir Bueno 2) x Madureira 1 (Oswaldinho). Os principais goleadores do campeonato são: Carlyle, com 19 gols; Nivio, com 12; Simões com 11; Joel (Bangu), com 10; Dimas e Zizinho, com 9; Ariosto, Hermes, Maxwell e Moacir Bueno, com 7, e outros com menos.

A disputa das rendas, com vistas para o Rio-São Paulo, apresenta as seguintes colocações: 1.º — Flamengo, com Cr\$ 3.454.667,50; 2.º — Fluminense, com Cr\$ 3.346.515,00; 3.º — Vasco, com Cr\$ 2.907.268,00; 4.º — Botafogo, com 1.547.346,00; 5.º — América, com Cr\$ 1.400.593,00; 6.º — Bangu, com Cr\$ 1.393.157,00.



Waller numa defesa, ao tempo que jogava no América.

Uma posição só tôda a vida — Talento, arrôjo e elegância — Dias de triunfo — No campeonato do mundo De GERALDO ROMUALDO DA SILVA

O Quipez de 38

O MESMO time e o mesmo clube que revelaram Walter Goulart, revelaram também, em tempos idos, Otto Badush, que chegou a ser em sua época de craque um dos melhores guardavalsas do Brasil. Já então era costume dizer-se que o arqueiro de time pequeno sempre dava a impressão de bom arqueiro (impressão só), o que em alguns casos roubava méritos aos ocupantes dessa posição, como de uma feita chegou a acontecer ao próprio Otto e, posteriormente, a Balthazar, Joãozinho, Zezé, (Bangu), Aymoré (antes do Botafogo) e Medonho. A questão se resumia no simples fato de cada um desses atletas ser mais exigido do que os outros, ter ainda muito mais oportunidade, o que de certo modo lhes facultava o direito de deixar passar muito mais bolas do que todos os titulares em equipes de categoria.

Talvez, por isso, devido a tamanha insistência dos avantes contrários é que os verdadeiramente grandes quipezers hajam surgido nos pequenos quadros de clubes igualmente pequenos, a exemplo do saudoso Walter Goulart, que teve a sua melhor escola de aprendizagem no desaparecido campinho do Andaraí, justamente o que formava com aquele outro da rua Ferrer um dos mais perigosos "alçapões" do futebol carioca.

UMA POSIÇÃO SÓ TÔDA A VIDA

DESDE cedo, entretanto, podia-se prever a rápida consagração de Walter. Primeiro, pela boa origem; depois, pelas inúmeras e singulares qualidades atléticas que lhes eram abertamente inatas.

Walter não tentou postos diferentes antes de chegar aos "três páus". Principiou sendo arqueiro mesmo, foi arqueiro desde garôto, desde o início, quando ainda não sabia o que era campo, porque seu campo de treino não passava de um pedaço de rua asfaltada.

Arqueiro, sempre, pulou da pelada para os torneios inter-colegiais e destes para os juvenis do Andaraí, que vinha de perder Yustrich, e cuidava apressadamente de fazer um substituto para o seu efetivo.

TALENTO, ARROJO E ELEGANCIA

O ARROJO, o talento e a firmeza de mãos despontaram desde logo no moço elegante, que dedicava especial carinho aos esportes em geral — basquete, volley e principalmente ao futebol, que, dentre todos, foi realmente o que mais atraiu sua atenção e mais tempo lhe roubou naqueles dias em que o almirante, seu pai, pretendia fazer dele algo mais do que um simples jogador de bola. Falou, contudo, mais forte o futebol. De maneira que, enquanto o irmão realizava curso brilhante no Colégio Militar e dali seguia para repetir o sucesso na Escola Naval, Walter tentava a sorte e ganhava fama nas canchas.

Apesar das reprimendas e apesar dos desencantos padecidos ao correr da oscilante caminhada de glória e ostracismo, jamais se julgou arrependido de haver dado o passo que deu.

NO AMERICA

SEM Joel e sem Sylvio, que se revezaram durante muitos anos na sua meta, o América tratou de obter o concurso de Walter. Nessa ocasião, Walter começava a aparecer no Andaraí, não faltando, por isso mesmo, quem o achasse demasiadamente "verde" para um salto tão grande.

Início de carreira. Walter jogava bem nos torneios inter-colegiais e foi para o Andaraí.



Kruschner, o discutido técnico também já falecido, e o "arqueiro de 38".

primeiros como os mais capacitados, embora Pimenta optasse por Batatais e Walter, propósito que prevaleceu na hora do peneiramento final. Batatais disputou o primeiro encontro, contra a Polônia, cedendo o posto a Walter, que não mais o abandonou, tendo realizado performances admiráveis, sobretudo contra a Itália, partida-chave que perdemos pela diferença de um tento, penalty de Domingos.

Foi a sua grande hora, a hora suprema de Walter, que, de regresso, deixou-se levar pelo excesso de prestígio, perdendo a forma, tendo de tentá-la outra vez, mas já em outros meios, no Vasco e no Canto do Rio.

Extraordinário jogador, só dava valor à fama quando se via ameaçado de cair numa reserva. Razão, talvez, pela qual pouco proveito tirou do seu enorme, do seu exuberante futebol.

Mas o salto até que não foi grande. Walter encaixou-se como peça da casa no amadurecido conjunto rubro, tornando-se rapidamente uma das atrações do plantel e da temporada. Desde aí — sublinhe-se — passou a receber propostas as mais vantajosas para mudar de clube. Vasco, Fluminense, Flamengo, São Cristóvão (que ainda se dava ao luxo de concorrer ao mercado das transferências de vulto) e até o Botafogo, mesmo com Victor, foram os que mais insistiram e os que mais batalharam por conseguir a preferência. No fim, sem que até hoje ninguém saiba explicar porque, o São Cristóvão levou a melhor no "leilão".

DIAS DE TRIUNFO

A EPOCA era boa para o Figueirinha, que, de posse de uma equipe modesta, mas muito ajustada, muito certa, colheu excelentes resultados no campeonato e nas partidas jogadas no interior. O trio final — Walter; Hernandez e Oswaldo (Gérico); a intermediária com Picabêa, Dodô e Afonsinho, e um ataque perigoso e inteligente (um pouco de tudo) — Roberto, Villegas, Caxambu, Quintanilha e Carreiro — fizeram do conjunto uma das melhores coisas, dois anos seguidos, nos campeonatos do Rio.

Não pôde durar mais do que isso, porque atrás de Walter e Oswaldo, que ingressaram no Flamengo, outros partiram em busca de novos rumos, a exemplo de Hernandez, que se passou para o Botafogo; de Afonsinho e Carreiro, que trocaram a camiseta alva pela tricolor, e posteriormente Caxambu, que seguiu o destino de Oswaldo e Walter.

Desmantelara-se, assim, da noite para o dia, um esquadrão feito à base de sacrifício e critério. Desmantelara-se para nunca mais se reajustar.

NO CAMPEONATO DO MUNDO

TRES candidatos ao arco apareceram em Caxambu para os matches preparatórios do selecionado brasileiro que iria à Copa do Mundo de 1938; Batatais, Thadeu e Walter. De início a crônica apontava os dois

Três nomes famosos e que eram os donos da torcida brasileira por ocasião do campeonato mundial de 1938. Leonidas, Walter e Domingos.





QUE FAMILIA!



EM seis temporadas sucessivas Gordon Richards esteve na sela de mais de 200 ganhadores. Com essa façanha turfística bateu um dos muitos recordes de Fred Archer, que em 1885 teve 200 vencedores em cinco temporadas consecutivas. Esta é, para Gordon, a décima-primeira temporada com mais de 200 vitórias (Archer teve 8), e com ela obtem pela 25.^a vez o título de Campeão dos Jóqueis da Inglaterra.

Nascido em 1904, é jóquei campeão desde 1925 (exceto em 1926 por estar doente, 1929 e 1949 por ter quebrado a perna). Montou, em certa temporada, mais de 260 ganhadores; em outra, 259. Também pilotou os ganhadores de 12 páreos sucessivos, por assim dizer vencendo dois programas completos! Sua carreira é realmente fantástica, ainda que para ele tenha o amargor de ver frustrada a maior ambição. Já ganhou, algumas até que por diversas vezes, todas as corridas clássicas menos uma. Seu sonho dourado tem sido montar o ganhador dessa exceção: o Derby inglês, "a mais importante corrida de cavalos do mundo."

Isso pode ser parcialmente explicado pelo fato de que ele raramente escolhe os cavalos que vai montar. Por ser muito leal, ainda é o jóquei do treinador que lhe deu a primeira chance. Por outro lado, trabalha para três outros grandes treinadores. Assim tem ele, só em salários, uma renda garantida de mais de 10.000 libras esterlinas (cerca de 800.000 cruzeiros) por ano e nesse período a média dos seus ganhos é de 20.000 libras ou aproximadamente um milhão e meio de cruzeiros. Desde a guerra, é claro, quatro quintos dessa quantia vão para o imposto de renda.

Se Gordon Richards fosse menos leal, e trabalhasse independentemente, sem quaisquer obrigações contratuais, não só ganharia mais dinheiro como teria possibilidade de fazer com que seus recordes, que já são extraordinários, fossem bem mais ineríveis. Isso porque teria a oportunidade de escolher as montarias, isto é, poderia montar ganhadores mais prováveis do que os que lhe foram dados. Sendo jóquei efetivo de quatro grandes treinadores Richards pilota animais que mesmo ele, o campeão dos campeões, não pode fazer vitoriosos.

Seus braços são extraordinariamente robustos. Muitas vezes ele parece "carregar" o cavalo até à linha de chegada, embora se trate de um matungo que não dá esperança alguma de chegar entre os três primeiros. Gordon Richards é um jóquei "forte", mas tem uma grande compreensão dos seus cavalos, que lhe retribuem na mesma medida. Com 47 anos de idade monta como nunca e não pensa em aposentar-se ou, em outras palavras, em restringir suas atividades a treinar cavalos, ao invés de pilotá-los nas competições.

Possui uma grande fazenda perto de Marlborough e seu passatempo ideal é a corrida de pombos. E com os seus já ganhou o Derby.

Cliff Richards, seu irmão, está entre os melhores jóqueis da Inglaterra. Na passada semana sua filha Betty, de 19 anos, venceu a "Newmarket Town Plate", uma corrida para moças instituída por Carlos II vai para mais de 300 anos.

CRAQUES DO PASSADO

PETRONILHO

QUANDO Petronilho de Brito surgiu em nossos campos principais, em fins de 1921, causou uma verdadeira revolução na técnica do nosso futebol, então ainda dominado pelo classicismo da escola que o levou ao seu apogeu, em 1919. Sem exagero, Petro pode ser chamado de Marinetti ou de Graça Aranha do futebol brasileiro, porque revolucionou sua arte, seu estilo... Naquele tempo, por coincidência, estavam em voga o futurismo e os nomes dos seus criadores. Dominava... Petro trouxe para o nosso futebol "o futurismo futebolístico", até então, na verdade, quase impedido, combatido, sabendo-se que os jogadores de cor tinham pouco acesso ao futebol superior... Petro foi, pode-se dizer, o primeiro super ás, o primeiro ídolo "colored" do futebol paulista e quiçá conseguiu a fama e as glórias de um Rubens, Marcos, Amilcar, Nery, Lagreca, Neco, Fortes, etc. Basta dizer que não encontramos "coloreds" nas seleções paulistas e brasileiras, até 1921. Petro foi o primeiro lançado à grande altura. Sua arte — como frisamos — provocou um mundo de discussões: era um maluco, um intruso, a querer arruinar a classe do nosso futebol, com as suas improvisações e fantasias; que ninguém sabia o que pretendia fazer quando estava com a bola nos pés, etc... Enfim, Petro era o futurista a pretender arruinar o padrão da nossa técnica...



Enquanto, porém, Petronilho ganhava fama com suas "extravagâncias" e seus gols, mais entrava na moda o tipo do campeão indígena; nacionalizava-se cada vez mais o estilo, tornava-se mais típico nosso futebol, deixando para trás o classicismo escocês... A improvisação, a velocidade e o malabarismo, introduzidos por Petro, em 1922, começaram a criar uma escola toda nossa. A arte de Petro, discutida, quase repelida a princípio, como um mal para o nosso estilo, criou cada vez mais escola e alunos... Protótipo

LEMBRANDO ZARZUR

TÓDA gente se acostumou a ver Zarzur vestindo a camisa do Vasco, aparecendo sempre como um dos bons craques que militaram no plantel cruzmaltino. E de fato, a partir de trinta e quatro — há muito tempo portanto, Zarzur veio de S. Paulo, do próprio S. Paulo Futebol Clube, indo imediatamente para a intermediária de São Januario, posto em que se conservou titular por vários anos. Pode-se dizer que Zarzur foi um dos bons jogadores que teve o futebol brasileiro, aparecendo inclusive como figura obrigatória de vários selecionados cariocas e brasileiros.

Na condição de scratchman nacional, obteve o vice-campeonato sul-americano de trinta e seis.

O centro-médio, que durante tantos anos vestiu a camisetinha do Vasco, só uma vez tentou a sorte fora do Brasil. Foi a Buenos Aires para uma experiência no quadro do San Lorenzo, mas, embora tivesse uma posição destacada entre nós, não logrou maior sucesso na capital platina, retornando após o período de experiência aos nossos gramados. Pois bem, esse insucesso fora do Brasil não impediu que formasse com Figliola e Dacunto um dos trios médios mais sólidos e harmônicos do Brasil.

TEXTO DE OLIMPICUS



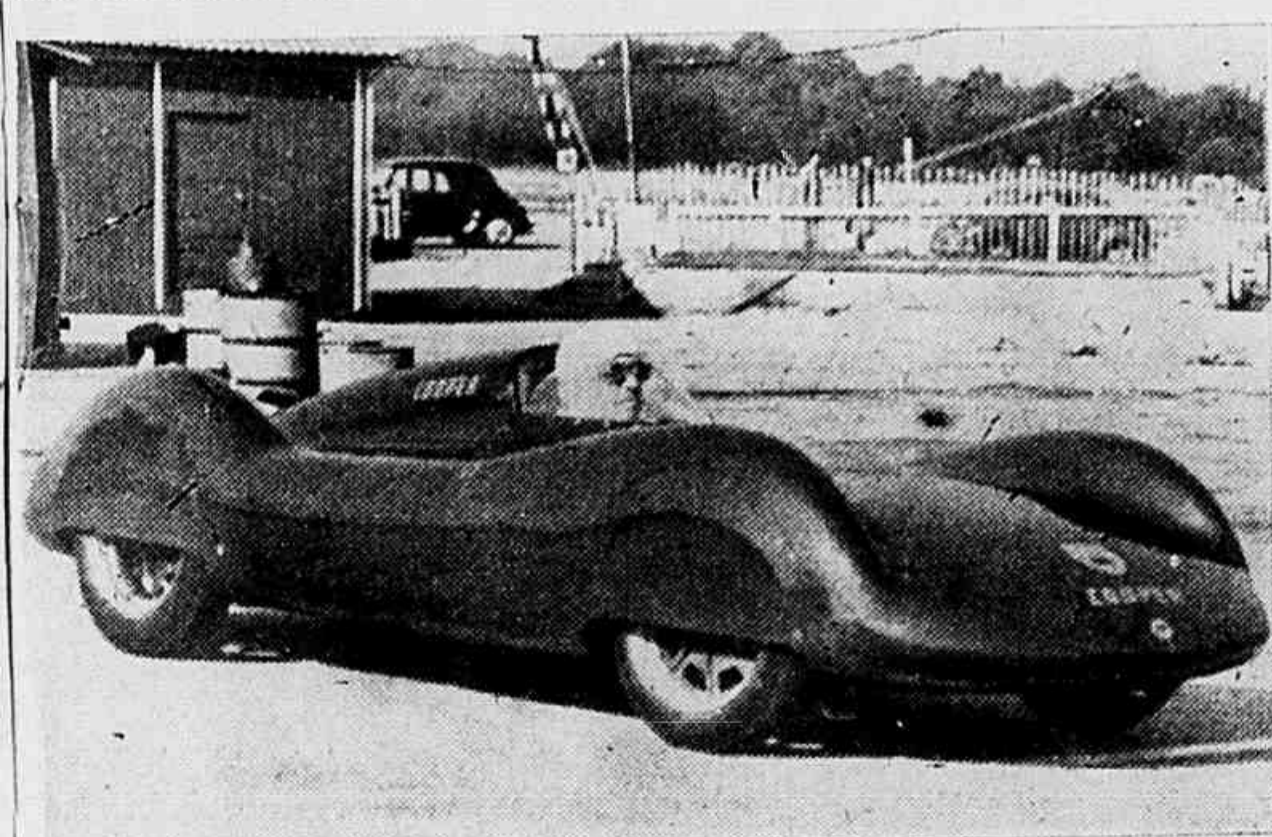
e quase modesto, apenas tinha duas pontas de diamantes os dois melas. Em um só jogo como poderiam se impor à crítica ganhar fama? Pois mesmo assim, Waldemar e Leonidas foram tidos pelos rigorosos críticos europeus, como dos mais sugestivos valores do torneio. Quando, porém, a seleção realizou várias exibições em Portugal, Leonidas e Waldemar deixaram de boca aberta todo mundo, com o seu futebol típico.

PETRO conta hoje 47 anos de idade. Desistiu em 1935, com 31 anos. Foi um erro. Deveria ter continuado no São Lorenzo, insistido como insistiram Feitiço (que jogou até 39 anos), Filó, Del Debbio e outros. Petronilho foi um fenômeno, um Leonidas revelado 10 anos antes, em pleno apogeu dos Fried, Neco, Heitor etc. Na Argentina o conheceram somente em 1933...

O futebol argentino tem sido pródigo de ases, mas poucas vezes viram até hoje um jogador típico como o irmão de Waldemar de Brito. Para eles, era um verdadeiro dançarino que dava vida ao jogo ofensivo do seu quadro — o San Lorenzo — e fazia gols de inconfundível estilo pessoal. Quando Petro marcou o primeiro tento de "puxeta" ("chilena" para os argentinos) no seu prelio de estréia, em B. Aires, se não nos enganamos, o feito foi descrito em prosa e verso nos jornais e revistas esportivas locais e o seu "cliché" passou a ocupar depois páginas inteiras... Choveram adjetivos nos títulos e nas legendas... "Petronilho, el bailarín! Imaginem, os argentinos o viram jogar quando no Brasil já estava em pleno declínio, pois Petro foi atuar em Buenos Aires, disputando as suas duas ou três últimas temporadas de futebol. Depois regressou e desistiu. E se tivessem visto o Petro de 1925, 1929?



de futebolista indígena Petronilho foi capaz de ser um "ás" singular até em Buenos Aires, quando já veterano em idade e carreira. O destino quis que, em São Paulo, o seu maior discípulo fosse seu próprio irmão: Waldemar, a revelação de 1933, enquanto que no Rio surgia Leonidas, a maior expressão do futebol dos tempos atuais. Já em 1934 — Waldemar e Leonidas — enquanto Petro ainda dava lições de estilo nas "canchas" portenhas com as suas bizarras "chilenas" — se consagravam no Segundo Campeonato do Mundo. Não tiveram muita sorte, porque o nosso XI, improvisado



QUEBRANDO RECORDES — Paris — O volante britânico John Cooper, de 23 anos de idade, pilotando o seu possante J. A. P. de 350 cc., pouco antes da proeza que realizou na pista de Monthlery, em que bateu seis recordes. Fez os 50 km. na média de 90,62 milhas por hora; os 200 km. a 91,98 MPH; fez 90,27 milhas numa hora, quando o recorde anterior era de 79,37; e completou as seis milhas na média de 91,80 MPH. Esses recordes pertenciam anteriormente ao "ás" britânico Stirling Moss, num carro "Kieft" de 350 cc.

MUNIQUE — Hermann Boehm, especialista alemão em "side-car", leva sua motocicleta aero-dinâmica à auto-estrada perto de Munique para quebrar o recorde mundial. A moto "N. S. U." de 500 cc. com compressor atingiu, com "side-car", 249 quilômetros à hora, superando assim o recorde de 217 km. estabelecido em 1932 pelo inglês Eric Fernihough com uma "Brough-Superior" de 1.000 cc. (Foto UP-ACME, via aérea) — Especial para O GLOBO SPORTIVO)

História de suborno -- Veteranos, "brotinhos" e conquistas

POR vários motivos é o Bangu um clube que pode ser considerado diferente dos demais grandes clubes da cidade. Diferente no sentido de grande clube, no modo como chegou a ascender a essa categoria. E os fatos que foram se encadeando até chegarmos ao Bangu como potência do futebol dão uma história, que é história de batalhas. De fato, toda a cidade viu o que foi o esforço dos dirigentes do clube suburbano, ou melhor, o desejo de seu patrono Guilherme da Silveira Filho de tornar o seu clube um grande. Milhares de cruzeiros foram gastos com a aquisição de vários jogadores de renome, mas só isso não chegou para dar ao clube suburbano a consistência de esquadrão. Faltava ao time do Bangu personalidade como quadro e depois da conquista de Zizinho e de Ondino Viera, entre outros, por cifras fabulosas, mostrou que a direção banguense havia entrado no caminho acertado, procurando fazer uma base da qual se levantasse um novo gigante. O ano passado foi quase todo de experimentos, de luta para dar ao quadro uma fisionomia própria, um padrão de jogo definido. E os primeiros frutos foram conquistados por ocasião da temporada na

Europa. Jogando com o São Paulo, formando aquele célebre combinado em que só apareceu o nome do clube paulista o quadro banguense teve grandes resultados e seus jogadores impressionaram vivamente o público europeu.

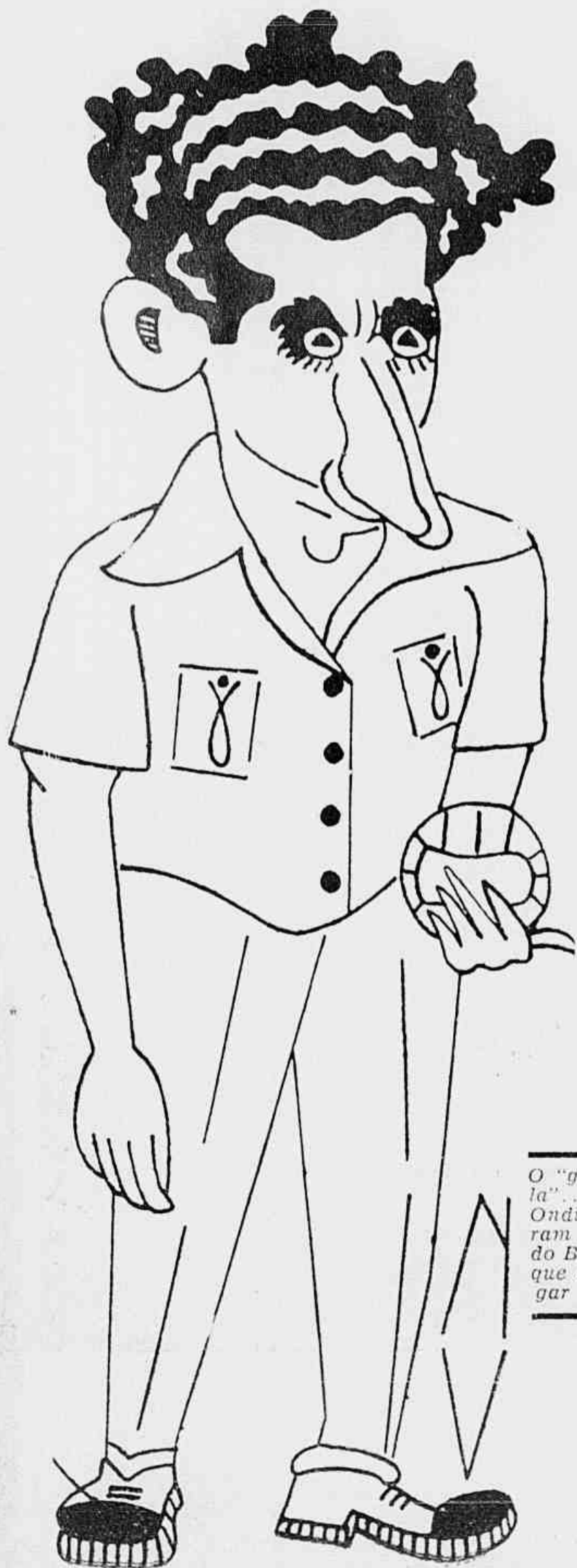
QUASE ADIADA A VEZ DO BANGU

REALMENTE a temporada realizada foi a afirmação do quadro banguense como time de primeira, mas no Brasil veio a grande decepção, na partida de São Paulo. Um placard berrante e os resultados posteriores, já no campeonato carioca, pareciam desmentir haver chegado para o Bangu o ano de alinhar-se, de fato, entre os grandes. Ondino explicava que os problemas que tinha na equipe eram sérios, embora todo mundo visse em campo os jogadores. Havia ainda a questão psicológica, o detalhe do time haver subido muito, assim de repente. E com vários jogadores, inclusive até Zizinho, precisando de cuidados médicos, não era possível atingir o nível técnico ideal como padrão. Naquela época eram coisas que não podiam ser alegadas para justificar os fracassos iniciais e Ondino apenas garantiu que, passada aquela fase adversa, o quadro conseguiria a recuperação. O match com o Fluminense seria a grande prova, mas redundou em tremendo fracasso. Os banguenses viram um inexplicável quatro a zero em princípios do segundo tempo e ficaram arrasados, mas ainda assim conseguiram transformar uma goleada espetacular num marcador de cinco a três pró Fluminense. Poderia ser

o fim mas não foi, porque daí em diante o Bangu mostrou que tinha capacidade para reagir. Contava com bons jogadores, com um técnico consciente, e as novas etapas foram mostrando a real força do Bangu, que acabou galgando a ponta da tabela, ao lado justamente do Fluminense, até perdê-la por força do empate com o América.

HISTÓRIAS DE SUBORNO

A CONTECE, porém, que as dificuldades do Bangu não foram apenas as de natureza técnica, e que, afinal de contas, são sempre os percalços de qualquer campanha pelo título. Não, o Bangu teve que lutar também contra o ambiente externo. Pouco adianta que os alvi-rubros fiquem praticamente isolados, lá longe, na concentração da Vila Hípica. A história de suborno, lançada aos ares, provoca sempre grande agitação, e o Bangu, perdendo, viu acusados seus jogadores de vendidos. Rafanelli foi o alvo preferido, pela sua infelicidade no jogo com o Fluminense, e logo em seguida aquele empate da rodada do um a um quase dava mau resultado, pois o zagueiro chegou a ser interpelado nas ruas de Bangu por elementos menos avisados e que se deixaram levar pelas malévolas insinuações lançadas ao ar. O quadro sentiu a infâmia, e o trabalho de recuperação moral empreendido por Ondino foi gigantesco. O técnico esteve para desanimar, ante tanta sordidez, mas os ventos melhoraram e o Bangu começou a firmar-se. Todavia, ainda não



O "general e a estrela"... A conquista de Ondino e Zizinho foram grandes vitórias do Bangu nas batalhas que encetou para chegar a grande quadro.

AS BATALHAS do Bangu



havia terminado a batalha banguense. Perdendo fora alvo das chamadas ondas, ganhando também sofreu a influência nociva de elementos despeitados. O miolo da história ficou conhecido com a saída de vários elementos da alta direção alvi-rubra, surpreendidos em determinados atos lesivos ao clube. Mas nem assim a coisa parou, e depois vimos aquele escândalo de suborno, em que o médico do Olaria, o Olavo, prendeu um elemento que tentava susuborná-lo. A semana era a do jogo Olaria x Bangu, o indivíduo preso como suposto subornador tinha como único documento de identidade uma carteira antiga e sem valor de associado do Bangu, e tinha no bolso a importância de trinta e cinco cruzeiros. Afinal ninguém soube explicar direito o "embroglio" e tanto as declarações de Olavo, como as do elemento que se achegara a ele no estádio Municipal, mesmo estando ele fardado de guarda civil, foram confusas e sem significação alguma para apuração de qualquer responsabilidade. O caso morreu por si mesmo, provando que fraca era a sua base. Mas assim foi, embora da segunda tentativa muito menor tenha sido a repercussão no ânimo dos jogadores.

VETERANOS, BROTINHOS E CONQUISTAS...

MAS deixemos de lado a luta extraordinária que Ondino Viera teve que enfrentar, para nos atermos apenas ao trabalho propriamente técnico do preparador uruguaio. Ondino, com vistas ao título, tratou de estudar e corrigir cotidianamente os defeitos dos elementos de que dispôs, analisando tendências e chegando a conseguir adaptações de grande utilidade. Assim fez com que Djalma ficasse em condições de aproveitar todas as suas qualidades fixado à posição de half, enquanto realizou um trabalho de fôlego para aproveitar as qualidades de craque que Mirim possui. A rigor, todos os jogadores foram maleados por Ondino, e os novos estão começando a aparecer. Vermelho pode ser considerado como reserva de Zizinho e Alaine impressionou vivamente substituindo Pingueta, contundido. E os veteranos, os que já estavam no Bangu antes da ascensão a time de primeira linha, sofreram a influência do técnico, e o público viu que o quadro aos poucos ganhava mais personalidade. Satisfeito com a produção de seus pupilos, todavia, vendo o quadro na ponta do campeonato e com fortes probabi-

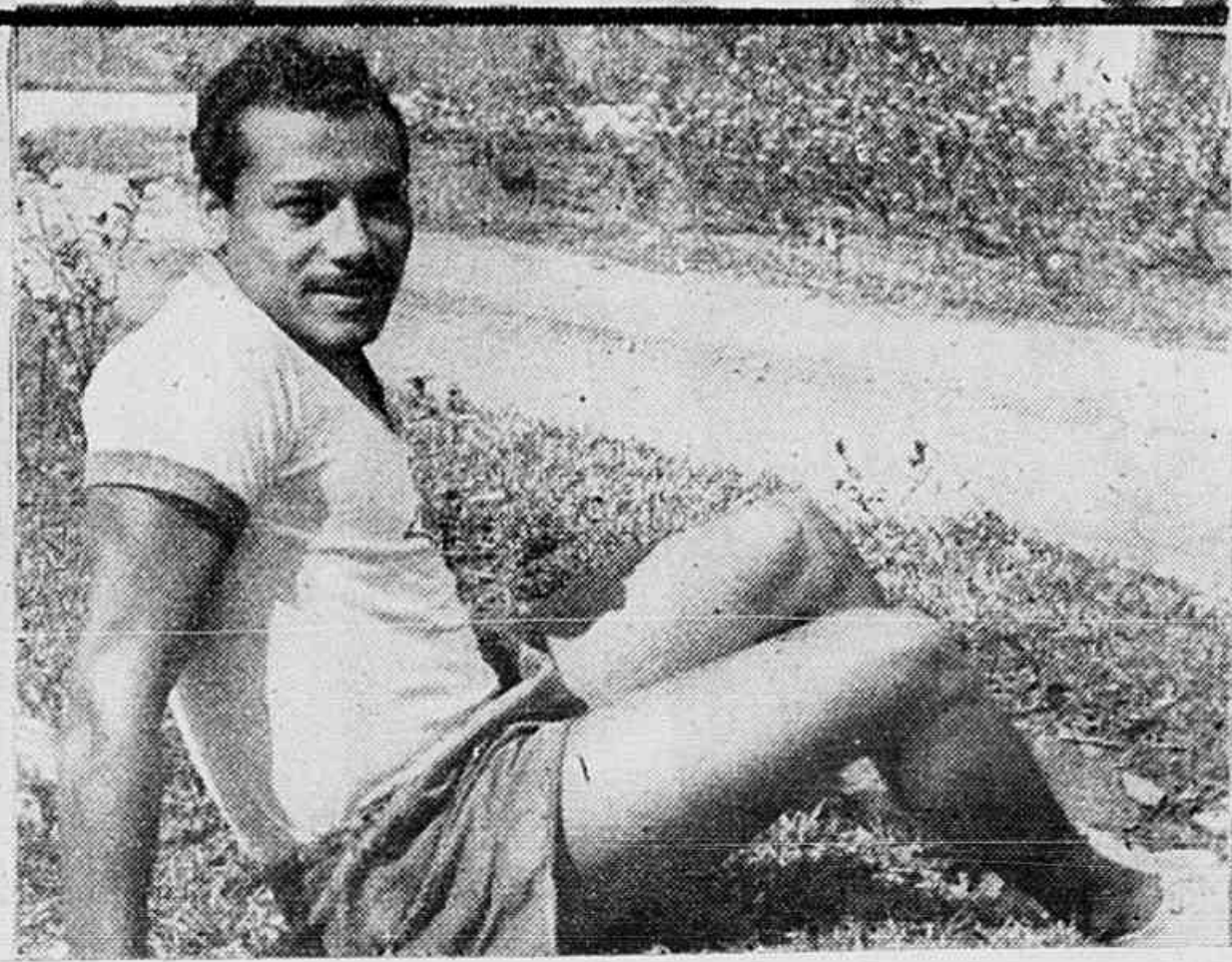


lidades de vir a ser campeão, Ondino tomou providências para a contratação de outros grandes valores. E assim, Ruy e Bovio vieram de S. Paulo para Moça Bonita, mas sem a preocupação de serem necessários ao quadro. Isso Ondino esclareceu logo após a chegada dos dois. Não seria alterada a estrutura do quadro e os dois ficariam à espera de uma contusão ou da quebra de produção de algum elemento da posição. Precaução de longo alcance do técnico que sabe ser a reta final a parte mais árdua de uma campanha em busca do título.

Mas apesar de tudo, mesmo tendo provado que é grande, o Bangu ainda não conseguiu mostrar com certeza a sua fisionomia de quadro. O trabalho realizado foi de largo fôlego, os resultados estão expressos nos números das tabelas, mas ainda falta alguma coisa ao quadro. O empate do América foi a prova de que o Bangu é grande, mas ainda se ressentido de seus dias quase recentes de pequeno clube. Já havendo dado provas anteriores de grande poder de recuperação, o quadro alvi-rubro, depois de marcar dois a zero sobre o de Campos Sales, não conseguiu anular a reação adversária e acabou concedendo um empate na partida em que já aparecia como o vencedor. Esse ponto custou a queda da liderança e do prestígio banguense. Agora já há os que duvidam da base do Bangu como grande quadro, e o próprio Ondino, após o jogo, reconheceu que seus pupilos não tinham demonstrado categoria de candidatos ao título, deixando escapular da mão a vitória. Isso prova que, embora não esteja tudo perdido, a batalha do Bangu ainda não terminou.

Isso prova que, embora não esteja tudo perdido, a batalha do Bangu ainda não terminou.

O Bangu tem contado com bons nomes como Joel, Nivio, Mirim e Pingueta, que aparecem no clichê abaixo. De todos Ondino tem obtido os melhores resultados, mercê de um trabalho de estudo e ação diários.



O MESTRE dos MESTRES

O fracasso do Vasco
— No Flamengo houve "bis"... — Ernesto,
Flávio, Ondino, Plate-
ro e outros — Mes-
— tre dos metres —

ERNESTO DOS SANTOS, o Professor Ernesto dos Santos (sem aspas) da Escola Nacional de Educação Física, tem o seu nome diretamente ligado ao desporto carioca. Um organizador de mão cheia, perfeito conhecedor dos pequeninos detalhes que tornam difficilima a tarefa de lidar com um Departamento Técnico, ninguém discute os seus conhecimentos. Catedrático da Escola, Ernesto vem preparando gerações e gerações de bons atletas. Sua atividade é ininterrupta e ele trabalha sem desfalecimento, por um ideal. Especializou-se, tornou-se profissional, vivendo do esporte, para bem servi-lo. Daí a enorme dedicação com que lida com os diversos ramos do esporte, indistintamente, mais por idealismo, menos comercialmente.

O FRACASSO DO VASCO

NO SETOR do futebol profissional, Ernesto dos Santos também possui bons capítulos para serem lembrados. Bons, não no relativo a felicidades por ventura deles decorrentes. Melhor dizendo: curiosos, interessantes. O primeiro, o capítulo de abertura da sua carreira no futebol profissional, registrou-se no Vasco da Gama. Ondino Viera sagrara-se campeão invicto de quarenta e cinco e, devido a certas desinteligências, de um momento para outro resolveu desligar-se definitivamente do clube da Cruz de Malta. Para tornar-se, inclusive, comentarista esportivo radiofônico, durante algum tempo. Mas, antes que transpusesse o portão de saída do Estádio de S. Januário, indicou o seu substituto. Ante aos insistentes apelos dos amigos, para que ficasse, não podendo atendê-los, resolveu pelo menos minorar os seus sofrimentos. E foi assim que indicou um nome para substituí-lo: Ernesto dos Santos.

Pronto, a indicação foi aceita e Ernesto dos Santos contratado. Acontece que o cruzmaltino sofreu as influências psicológicas e malélicas da brusca saída do antigo preparador uruguaio. E as consequências se fizeram sentir de imediato. De domingo para domingo, sempre mais um ou mais dois pontos perdidos. Até perder todas as esperanças de um bi-campeonato nacional. O Vasco chegou a tal ponto, de situação tão deplorável, que não teve classificação, no final. Para argumentar, bastava recordar que quando terminou o campeonato de quarenta e seis, quatro clubes estavam em igualdade de condições: Flamengo, Botafogo, América e Fluminense. Necessitando da realização de um super-campeonato, entre eles, para decidir o título máximo. Foi nessa oportunidade que o Fluminense logrou a vitória.



canha de conquista um título até então inédito: o de Super-Campeão. O Vasco, time que Ernesto dirigia, não teve direito à dupla, nem sequer placê. Ficou lá atrás sacudido por tremer da crise, fervendo como estava a sua política interna.

NO FLAMENGO, HOUVE "BIS"

ENQUANTO o super-campeonato ia em meio, o benemérito cruzmaltino seio Cyro Aranha ativava as negociações com o técnico Flávio Costa, para trocar de ar. Deixar a Lagoa Rodrigo de Freitas, indo para São Januário. E logrou o seu objetivo. Tanto assim que já em quarenta e seis

Este é o Professor Ernesto dos Santos. Ninguém pode duvidar de sua capacidade, porém, no setor do futebol profissional, sua estrela não brilhou como as dos ex-colegas da primeira turma diplomada pela Escola Nacional de Educação Física, em 1939. Todavia, ele continua servindo ao esporte, com todo o idealismo

Ernesto dos Santos ao tempo de preparador do Vasco, envergando a jaqueta cruzmaltina entre jogadores que, a exceção de Ipojuca, hoje já pertencem a outros clubes



Flávio Costa conseguia mais um brilhante campeonato invicto para o seu novo clube. A exemplo do ocorrido em São Januário, antes da saída de Ondino, quando este indicou Ernesto dos Santos para substituí-lo, houve "Bis" na Gávea. Flávio também aconselhou aos seus amigos do rubro-negro a ida de Ernesto dos Santos para o lugar que estava vago com o seu desfalque.

A essa altura dos acontecimentos, o Professor já pertencia ao Flamengo, desenvolvendo suas atividades, entretanto, noutro setor, o seu verdadeiro setor, talvez. Procedera, havia pouco, a uma completa reorganização do Departamento Técnico. Era presidente do clube, no momento, o Sr. Dário de Mello Pinto. E não teve dúvidas em



entregar a orientação dos profissionais ao veterano e dedicado Ernesto, um eterno batalhador pela causa nobre dos esportes. Ainda tal como ocorrera no Vasco, não faltou o "Bis" no Flamengo. A equipe deu para trás, desordenou-se e foi de mal a pior. Chegou mesmo a cair no descrédito público. Muito embora, depois da saída de Ernesto, assim continuasse por muito tempo, apesar dos inúmeros treinadores que em curto espaço de tempo lhe foram dados, dentre os quais podem ser citados Juca, Gentil Cardoso, Kanela e Cândido de Oliveira. Ernesto jurara, então, nunca mais trocar os Departamentos pelos trabalhos das "quatro linhas" até que um dia...

Ondino Viera duas vezes já foi substituído pelo ex-colega

FLUMINENSE, O ÚLTIMO CLUBE

ATÉ que um dia... dizíamos, lá se foi ele de malas e bagagens para Alvaro Chaves. Por certo, não pensava de fazer profissão. Queria apenas colaborar, pois de lá há pouco haviam saído Ondino Viera e Otto Vieira, que foram respectivamente para o Bangu e o Guarany de Campinas. E o Fluminense precisava, urgentemente, de alguém para cuidar do seu plantel de profissionais. O Departamento Técnico estava aos cuidados de José de Almeida, bem entregue, portanto. E Ernesto permaneceu pouco tempo, mal sucedido nas vezes anteriores não desejava novas decepções, preferindo entregar a outro o difícil mister. Sua estréla parece ter brilhado pela primeira vez, intensamente, quando foi buscar Zézé Moreira pelo braço, para entregar-lhe o posto. Como o ponto de partida para essa brilhante campanha do grêmio das Laranjeiras.

ERNESTO, FLAVIO, ONDINO, PLATERO E OUTROS

AINDA sobre Ernesto dos Santos, convém esclarecer outros detalhes interessantes. Ele, Flávio Costa, Ondino Viera e Platero foram os integrantes da primeira turma diplomada pela Escola Nacional de Educação Física, em mil novecentos e trinta e nove. Sendo que Ernesto, como o primeiro aluno da turma foi distinguido com a sua nomeação para Professor da Cadeira de Desportos Terrestres Coletivos. Dentre estes, incluem-se o futebol, basquetebol, voleibol e tenis. Quatro catedráticos, para quatro ramos diferentes de esporte, ficando a cargo de Ernesto dos Santos o futebol.

MESTRE DOS MESTRES

DE trinta e nove para cá, vários mestres de hoje foram, antes, alunos de Ernesto ontem. Dentre eles, podem ser citados assim, de memória, os irmãos Zézé e Aimoré Moreira, Otto Glória, Abel Picabéia, Gentil Cardoso (apesar das credenciais que lhe foram conferidas em Londres), Telemaco Frazão e muitos outros, além de outros tantos que em suas mãos fizeram prova de "habili-

Oto Glória é outro ex-aluno

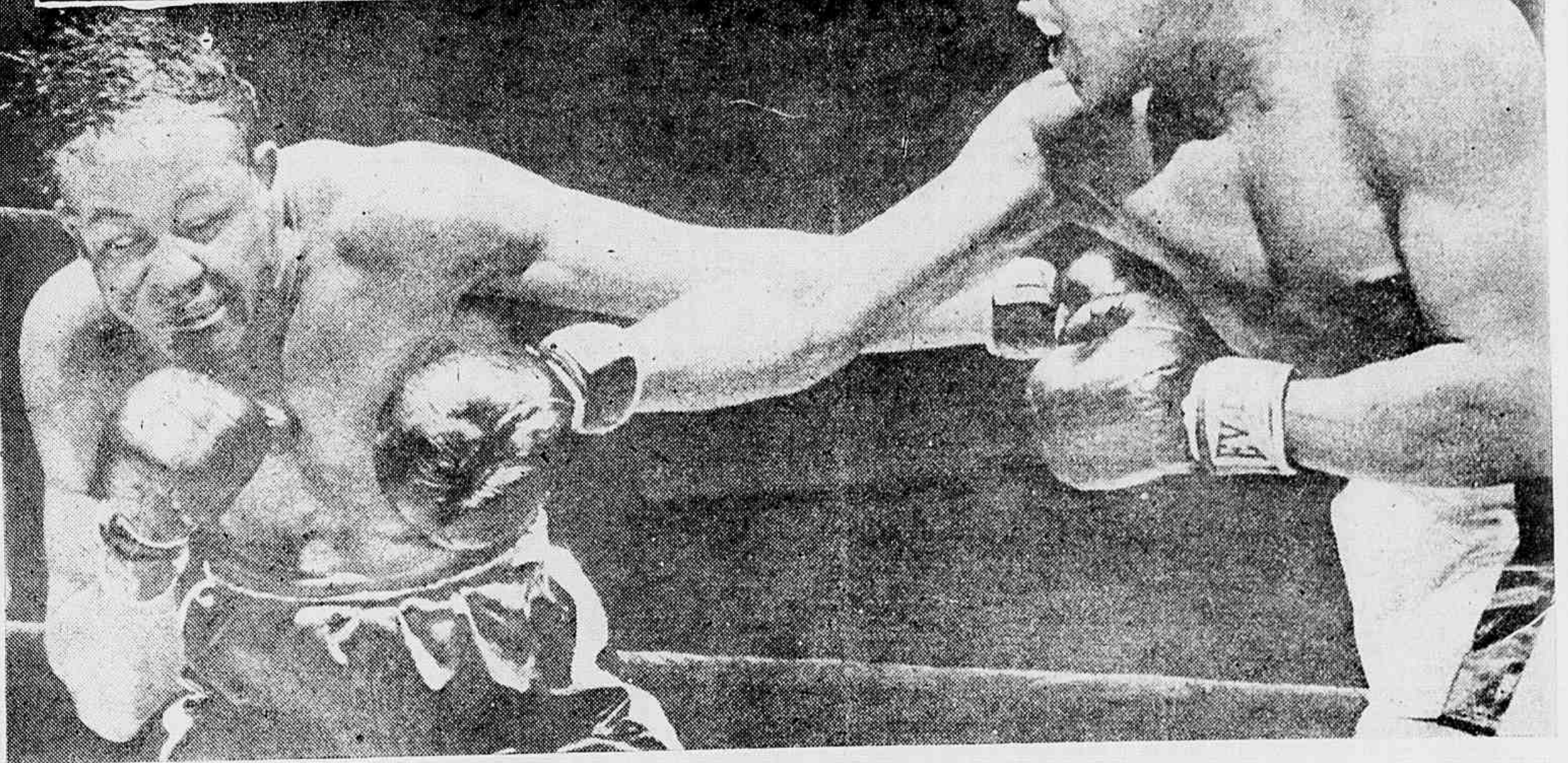
tação", a exemplo de Gradin, Otto Vieira e Newton Cardoso. De qualquer forma, conclui-se, pois, que com ou sem estréla no futebol profissional, da Metrópole, seja teórico ou prático, o fato concreto é que ele, Ernesto dos Santos, tem sido professor e assinado inúmeros diplomas dos mestres atuais. Outro dia, para finalizar, quando mantivemos uma ligeira palestra telefônica entre amigos, aventuramos a possibilidade de retornar, um dia, às quatro linhas", do futebol profissional.

— Não, isso nunca mais haverá de acontecer. Quando muito, se tiver de ser castigado — e somente por castigo — poderei trabalhar na organização de qualquer Departamento Técnico de clube...

Zézé Moreira, aluno. Flávio Costa, colega.



SURDO, MUDO E EXPLOSIVO!



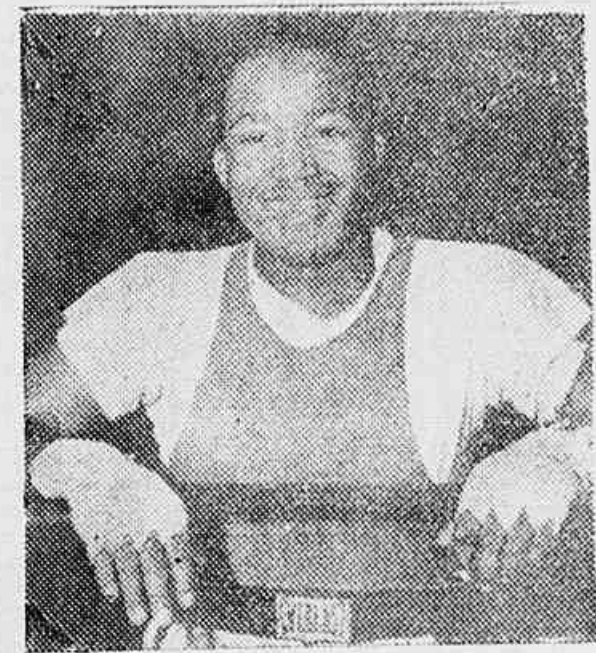
Previsão dos cronistas novaiorquinos: Gene Hairston, de 22 anos, conquistará a coroa dos meio-médios dentro de um ano.

UM par de calções brancos de box, manchado de sangue, está pendurado na parede que fica ao lado da cama de Gene Hairston, como um troféu. Os calções são de Gene. O sangue é de J. T. Ross. Os dois lutaram no ano passado, num encontro de meio-pesados. Ross é mais velho três anos, mais pesado dois quilos e mais alto dez centímetros do que Gene, mas foi este que deu o baile. Perito no contra-ataque, Gene, com seus esquerdos e diretos, dava por vezes a impressão de que soltava contra Ross um enxame de abelhas enfurecidas. Um

formidável gancho esquerdo, no segundo round, fez com que seu adversário fosse ao chão, por seis segundos. Ross conseguiu levantar-se, mas tinha dois fundos cortes na face. O sangue começou a jorrar, escorrendo-lhe pelo rosto e pelo peito e manchando as luvas e o corpo de Gene que, com um direto, liquidou a luta no terceiro round.

Ross era tido como uma espécie de veneta dos fãs. Talvez por ser o mais alto dos meio-pesados, com 1m,88 e 73 1/2 quilos. E todos aqueles que, presentes à luta, ovacionavam Gene, pareciam esquecer o fato de que este era muito mais fora do comum do que o alto e néscio Ross. Isso porque o vencedor nem mesmo podia ouvir-lhes os aplausos: Gene Hairston é surdo-mudo.

O último lutador mudo que teve evidência nos Estados Uni-



Gene Hairston, o "explosivo".

dos foi "Calado" Martin, que lutou pelo campeonato dos meio-pesados há coisa de 34 anos. Desde então ainda não apareceu outro tão bom quanto Gene Hairston. Martin lutou com o maior dos pupilos de "Mudo" Dan Morgan, que foi Jack Britton, e perdeu. O empresário de Martin era Jim Mencken, também surdo-mudo e pai da atriz Helen Mencken.

Até aos 15 anos Gene jamais transpusera as cordas de um ringue. Todavia, menos de um ano depois era campeão das Luvas de Ouro. Para isso teve de abrir caminho à custa da derrota de alguns dos mais duros lutadores de peso-médio e meio-pesados. Certos cronistas especializados afirmam que o esbelto lutador negro, que está

UMA INFÂNCIA DOLOROSA, COM MENINGITE E CINCO ATROPELAMENTOS, E A VITÓRIA NO RING E NA VIDA

fazendo 22 anos, obterá a coroa dos meio-pesados dentro de um ano, se se tornar habil bastante para desmontar a máquina que é Ray Robinson.

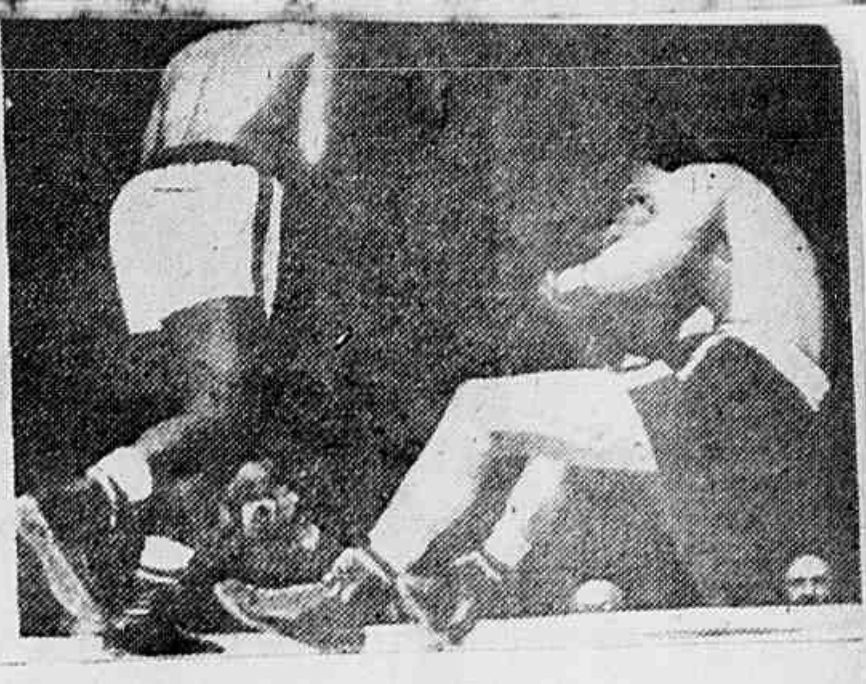
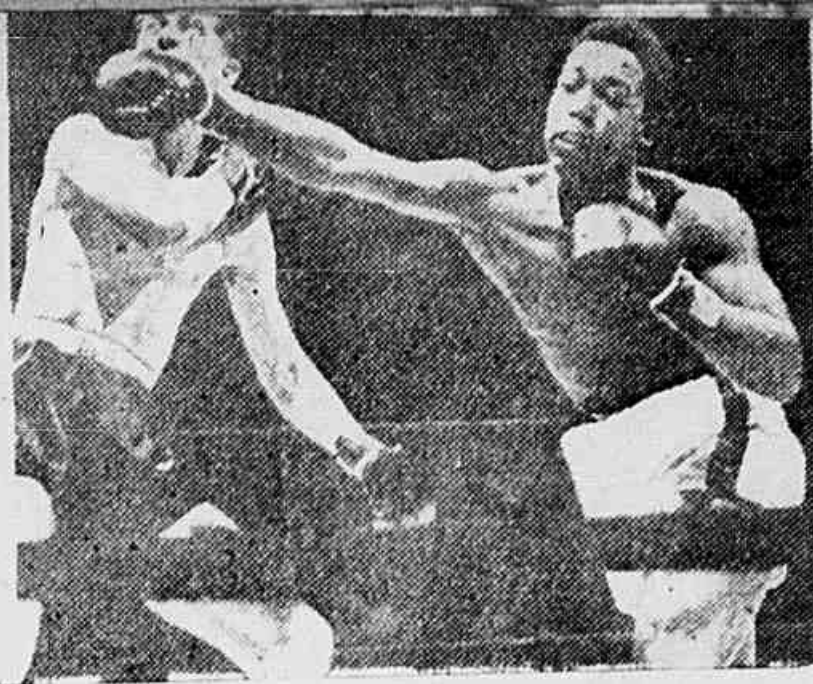
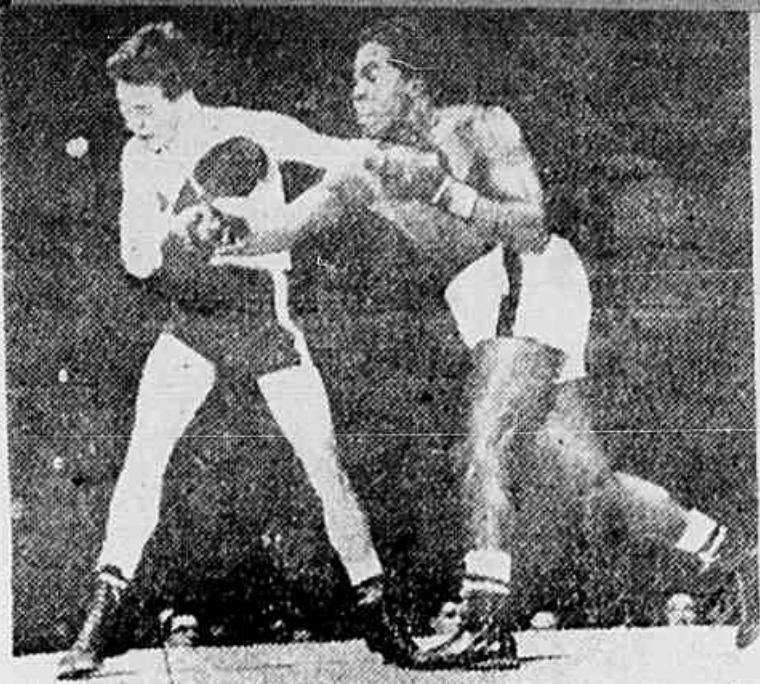
Após quatro anos de profissionalismo, Gene Hairston tem um acervo de 47 lutas, sendo 39 ganhas, 6 perdidas e 2 empatadas. Das que perdeu, duas são oficialmente por nocaute, mas a verdade é que ele beijou a lona apenas uma vez, numa carreira que registra só uma derrota em 60 encontros amadorísticos.

Quanto aos seus dois nocautes, não precisa inventar desculpas. O primeiro ocorreu em agosto de 1948, na luta com Ted Pritchard.

Hairston estava com 19 anos e embora fosse um ano lutador profissional conseguira 18 vitórias contra uma derrota. Ao soar o gongo Pritchard saltou de seu canto e desferiu violento golpe, que derrubou Hairston. Foi uma inesperada e triste experiência para o lutador negro do Bronx. O próprio Mike Miele esquecera de dizer ao árbitro como fazer a contagem dos segundos, caso seu pupilo fosse derrubado. Por isso o árbitro contou simplesmente em voz alta. Incapaz de ouvir, Gene Hairston enquanto se levantava não tinha noção do tempo transcorrido. A luta acabou. Pritchard vencera-a, com um nocaute de 13 segundos. Gene chorava, zangado, confuso.

Miele agiu rapidamente, para obter a revanche. Uma semana mais tarde Hairston e Pritchard se defrontavam outra vez, tendo o árbitro recebido instrução quanto ao modo de fazer a contagem. Mas a desforra foi simples: Pritchard caiu no segundo round.





De estilo combativo, violento, Gene é visto nestes flagrantes pondo J. T. Ross num fulminante K. O. Pode-se notar, na primeira foto, o protetor de dentes saindo da boca de Ross.

O segundo nocaute deu-se na primeira luta de Hairston em 1950. Seu adversário era Johnny Bratton. No segundo round Bratton acertou alguns golpes na boca de Gene, que começou a sangrar abundantemente, razão porque o árbitro deu a luta por encerrada. Incidente dessa espécie foi o que ocorreu este ano entre Charlie Fusari e "Fitzie" Pruden. Fusari sangrou durante 80% da luta, mas teve permissão para continuar combatendo. No caso de Hairston, porém, as autoridades lembraram-se da morte de Laverne Roach e não quiseram participar em uma tragédia.

A despeito desse mau começo o ano de 50 foi-lhe favorável. Nele Hairston ganhou seis lutas por decisão, três por nocaute e terminou uma empatada. Três das decisões eram importantes para ele, que está agora com 22 anos e é considerado em quinto lugar entre os meio-pesados. Em agosto derrotou Lee Sala, em outubro Kid Gavilan e em novembro Lester Felton. Em dezembro foi a luta com J. T. Ross. Entre os seus encontros de 1951 apontam-se os que teve com Paddy Young e Kid Gavilan.



Gene Hairston nasceu no Bronx, Nova York. Aos três anos, sobrevivendo à meningite, ficou surdo e mudo. Era o início de uma infância triste e difícil. Além dos problemas de ajustamento ao meio, de aprendizado, ha-

via os de trânsito a enfrentar. O fato é que ele foi atropelado cinco vezes. A primeira quando tinha 5 anos. O acidente mais grave ocorreu-lhe aos 13 anos. Levado para casa com as pernas muito feridas, seus pais foram avisados de que ele não voltaria mais a andar. A custa de massagens dolorosíssimas, entretanto, Gene conseguiu ao fim de seis meses dar os primeiros passos. Em um ano andava normalmente. Pouco tempo depois do seu restabelecimento foi novamente atropelado. Desde então é em extremo cauteloso, quando anda na rua.

Em todos esses anos ele idolatrava Joe Louis, que lhe aparecia cercado de todas as virtudes. Para Gene a possibilidade de achar um meio de expressão estava no mundo dos punhos, um mundo que devido à surdo-mudez considerava como inatingível. Em 1945, poucos meses antes de Gene fazer 16 anos, Mike Miele inaugurava uma academia de box, próximo da residência do rapazinho. Este imediatamente compreendeu que devia aproveitar a chance. Depois de insistir incansavelmente conseguiu que Mike deixasse o irmão Jojo dar-lhe algumas lições de box. E o pequeno surdo-mudo foi uma revelação. Oito meses depois de ter subido num ringue pela primeira vez ganhava o campeonato das Luvas de Ouro, de Nova York, na classe dos leves. No ano seguinte vencia o mesmo campeonato, como meio-médio. Então esperou os seis meses que lhe faltavam para poder ser profissional.

Gene é talvez o mais calmo dos pugilistas que atingiram as alturas.

Os médicos afirmam que seu pulso é o de uma criança de dez anos. Nunca fica nervoso e antes de muitos de seus combates tem adormecido no vestiário. Outra de suas características é a paixão do treinamento. Há quatro anos, dia após dia, ele se entrega de corpo e alma a fatigantes exercícios. Ainda que não consiga o campeonato mundial o admirável surdo-mudo já assegurou através do box os meios para uma vida feliz, ao menos no sentido de que, sendo surdo-mudo, encontrou um meio de expressão.

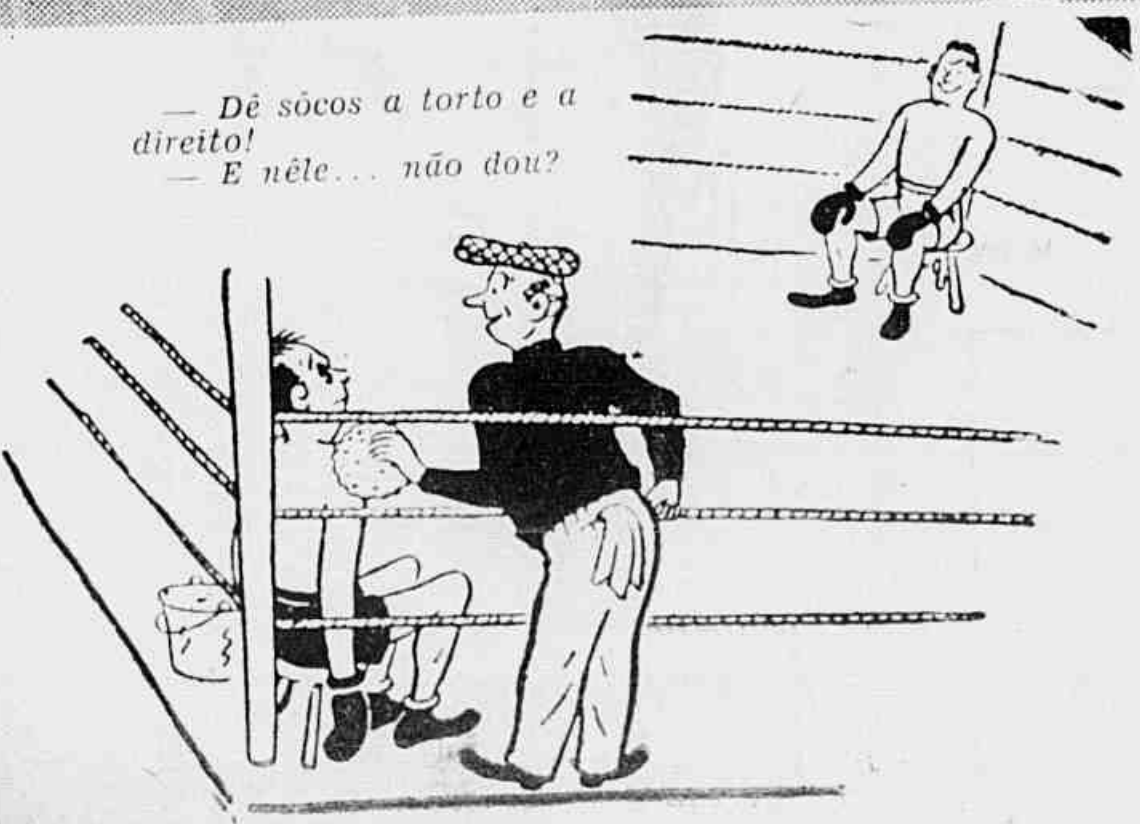


Gene prefere conversar "lendo" os lábios, mas comunica-se também por sinais.



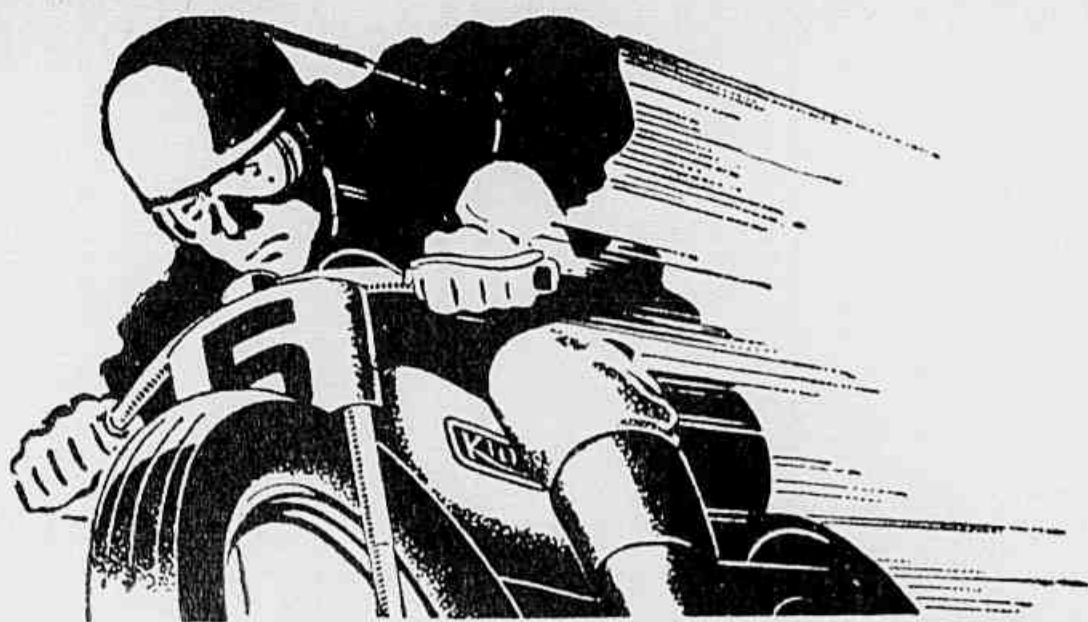
Uma professora de surdos e mudos cumprimenta-o por uma vitória.

— Dê socos a torto e a direito!
— E nele... não dou?

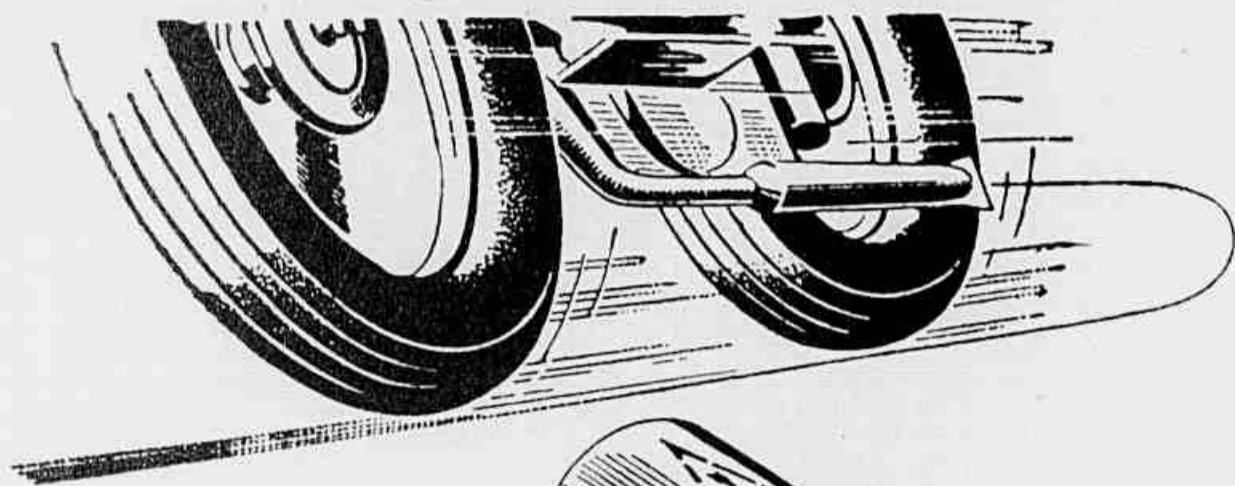


"Devo o meu triunfo na vida à compreensão e paciência de minha mãe" (à esquerda) — diz Gene.





Feitos um para o outro...



Do mesmo modo por que, sem a potência de uma boa máquina, não se poderá ajuizar da perícia e do arrôjo de um motociclista... também só se poderá obter um barbear perfeito, com a legítima lâmina Gillette Azul, quando usada num aparelho Gillette Tech... pois foram também feitos um para o outro!



- Frisos anti-deslizantes garantem maior proteção contra cortes.
- Barra-distensora permite um escanhoar rápido e suave.
- Suportes firmes da lâmina eliminam a trepidação.
- Aberturas amplas para mais fácil limpeza.
- Cabo com ranhuras para manuseio firme e seguro.

**APARELHO GILLETTE
TECH
LÂMINA GILLETTE
AZUL**

FEITOS UM PARA O OUTRO

VALIDO E SEU GOL

Foi em trinta e sete que aqui esteve o "Combinado Becar Varella", um quadro formado por vários craques argentinos desligados de seus clubes. Três desses elementos interessaram ao Flamengo e acabaram ficando na Gávea: o zagueiro Luiz Villa, o half Arcádio Lopes e o ponta-direita Valido. Vestiram os três a camisa do Flamengo, mas, pouco tempo depois, Arcádio foi a Buenos Aires e não mais voltou, Luiz Villa não interessou ao Flamengo dois anos depois, ficando portanto apenas Valido, aquele mesmo Valido do famoso gol do tri-campeonato ganho

na Gávea pelo Flamengo. Agustin Valido ficou rubro-negro por todos os anos seguintes, sempre jogando com destaque, tendo depois fases amargas, em que chegou a ser afastado do time por incapacidade, operou-se do menisco e depois de apendicite e acabou tendo a glória de, já veterano no Flamengo, conquistar aquele gol de 1944 que deu tanta discussão, mas que deu também ao Flamengo mais um título glorioso. Valido, argentino de nascimento, tinha trinta anos quando marcou aquele gol, sendo que há oito vestia a camisa rubro-negra.

BILHETES

FRANCISCO DE ASSIS — Riachuelo — Rio — 1) — O primeiro jogo noturno realizado nesta capital foi Vasco x Wanderers, em 1928, em São Januário. 2) — O Vasco foi campeão invicto em 1945, 1947 e 1949. Em 1945 empatou com o Canto do Rio por 1x1, com o América por 1x1, com o Botafogo por 2x2, com o Fluminense por 1x1 e com o Flamengo por 2x2, num total de cinco pontos perdidos. Em 1947 empatou com o Olaria por 3x3, com o Botafogo por 0 a 0 e com o Fluminense por 1x1, num total de três pontos perdidos. E em 1949 empatou com o Bangu por 2x2 e com o Botafogo por 2 a 2, num total de apenas dois pontos perdidos.

ALTIVO JESUS DA SILVA — Uberaba — Minas — 1) — O nome de Zizinho é Thomas Soares da Silva e a idade 30 anos. O nome de Augusto é Augusto da Costa. 2) — O endereço do São Paulo F. C. é rua Padre Vieira n. 8. 3) — Barbosa é casado, mas Castilho é solteiro. 4) — Rejeitados os seus desenhos de Zizinho e Ademir.

ORLANDO PASSOS — Espirito Santo — 1) — Da atual defesa do Madureira, apenas o half Walter veio de outro clube carioca. Era, aliás, discretíssimo ponta-esquerda reserva e só veio a ganhar categoria de half esquerdo no clube suburbano, desde a temporada de 1950. Irezê veio este ano do Espirito Santo e Agnelo, Weber, Claudionor passaram pelo time de aspirantes, primeiro, antes de ganharem cartaz no quadro principal. O centro-médio Herminio foi arrebanhado no norte, numa das muitas excursões do tricolor suburbano e veio direto para o primeiro time. 2) — Entre os jogadores que o Madureira fez e forneceu aos outros clubes o senhor pode contar Alfredo, quiper; Norival, zagueiro; Adilson, Lelé, Isaias (já falecido), Jair, Esquerdinha, forwards.

JAIME LUIZ SIMÕES — Botafogo — Rio de Janeiro — Desculpe, mas o seu desenho do zagueiro Clarel além de ruim veio feito à lapis comum, o que já é motivo inicial para a rejeição.

ALEXANDRE LEMOS — Niterói — Estado do Rio — 1) — O Fluminense tem quatorze campeonatos conquistados: 1906, 1908, 1909, 1911, 1917, 1918, 1919, 1924, 1936, 1937, 1938, 1940, 1941 e 1946. 2) — O Vasco tem nove campeonatos: 1923, 1924, 1929, 1934, 1936, 1945, 1947, 1949 e 1950. 3) — Fluminense e Vasco já disputaram 57 jogos de campeonatos oficiais da cidade. O Fluminense venceu 27 vezes e o Vasco 21, registrando-se 9 empates. 4) — Não dispomos dos dados que o senhor pede sobre todos os jogos do Vasco e do Fluminense, nacionais e internacionais, desde 1930.



MANECA, desenho de Diniz França, de Recife.

DO LEITOR DE CARLOS AREAS

IVAN BARBOSA DA CRUZ — Rio Comprido — Rio de Janeiro — 1) — Os quadros de aspirantes do Vasco e do Flamengo formaram assim no jôgo do primeiro turno deste ano: Flamengo: Claudio — Nello e Cidó — Aristobulo — Beto e Almir — Paulinho — Aloisio — Gringo — Manteiga e Zagalo. Vasco: Ernani — João Martins e Sam-

paio — Aldemar — Lola e Carlinhos — Noca — Cabano — Amorim — Jansen e Chico. O Flamengo venceu por 3x0, com gols de Aloisio (2) e Aristobulo, 2) — Nos times de aspirantes podem jogar nove jogadores até 26 anos e dois de 26 a 30 anos. Jogador com mais de 30 anos não pode jogar em time de aspirantes.

PAULO SILVA ARAUJO — Florianópolis — Santa Catarina — 1) — Nada podemos fazer quanto às revelações do futebol catarinense que o senhor cita: os irmãos Bolonini, Orival (centro-médio) e Otavio (meia-direita). O máximo que nos será possível é deixar este aviso aqui aos clubes que precisam de bons jogadores: Vão à Brusque ver os irmãos Bolonini no time do Carlos Renault, 2) — Sanford está ainda na reserva do Fluminense, 3) — O Teixeira já está aí pela sua terra, para onde regressou logo depois que deixou o Bangu.

SILVIO ANTONIO MARQUES — Rio de Janeiro — 1) — Lelé está jogando no Ponte Preta, de Campinas, disputante do campeonato paulista de profissionais, 2) — Jair ainda está no Palmeiras.

MANGEL DA COSTA — Irajá — Rio — 1) O coronel Otavio Povia, presidente do Vasco, foi campeão carioca de 1926 pelo S. Cristóvão e de 1930 pelo Botafogo. Era zagueiro direito, 2) — Gentil Cardoso foi técnico no Bonsucesso, no Bangu, no Vasco, no América, no Flamengo, no Fluminense, em São Paulo e no Rio Grande do Sul.

PAULO CESAR — Rio — 1) — Os nomes pedidos são estes: Carlos José de Castilho e Orlando Vianna de Azevedo, 2) — Nada sabemos sobre esse noivado de Orlando.

JOAO MARQUES — Pinheiros — São Paulo — Desculpe mas foram rejeitados os seus desenhos de Noronha, Orlando, Rogerio e Gringo. Mesmo porque o nosso leitor Norberto Valle, de Recife, iria ficar muito aborrecido com as copias dos dois primeiros...



RUY, num desenho do leitor Orlando Freitas, de Curitiba, Paraná.

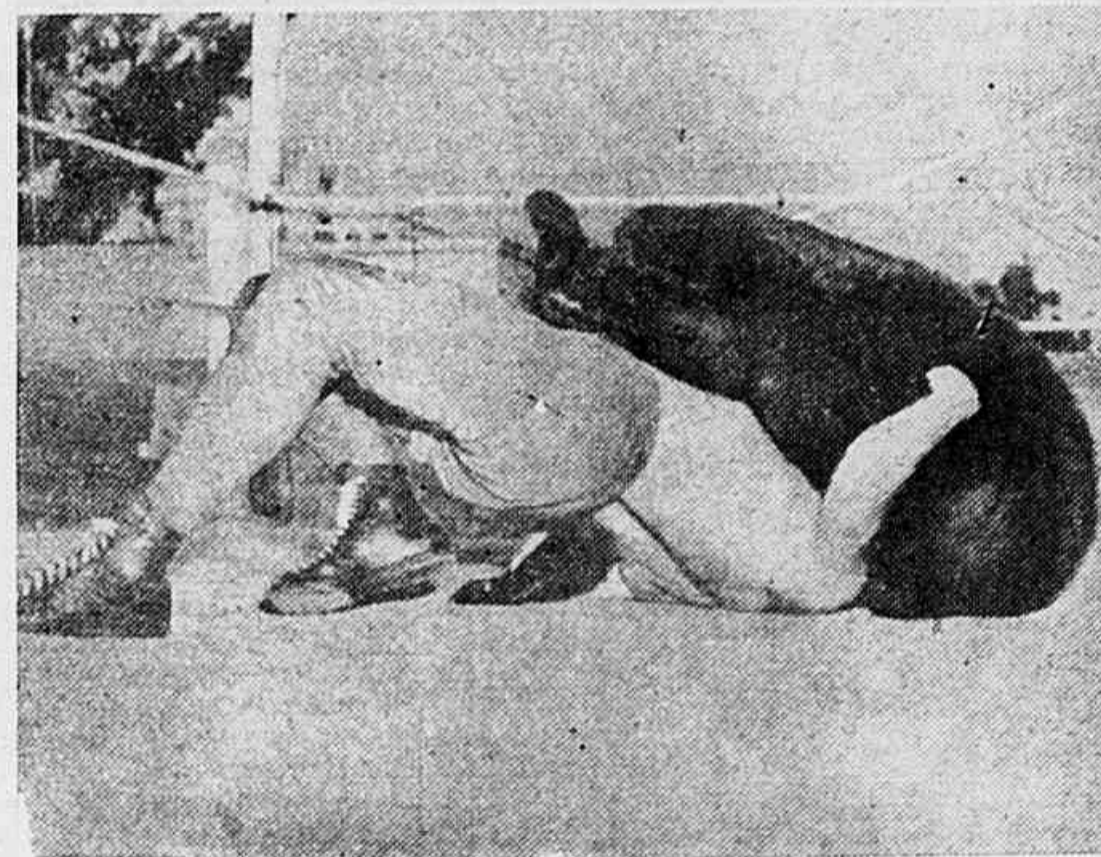
Uma cousa ...



...exige outra



Polvilho Antisséptico GRANADO



VENCEU O URSO — Os cangurus, lutando box, eram os únicos animais que faziam bonito num ring, esmurrando com elegância e violência os pugilistas que se dispunham a enfrentá-los. Os ursos, parece, não gostaram da exclusividade, e resolveram ser aplaudidos também no ring, explorando outra modalidade de luta: o catch-as-catch-can. E com sucesso, a nos basearmos nestes flagrantes que nos vêm de Nova York, de um encontro entre Malone, campeão de catch de Chicago, e Ginger, um urso canadense de cento e cinquenta quilos. Como se pode ver, venceu o urso, ao dar um golpe na barriga do adversário que o obrigou a encostar os ombros no tablado. Embora se considere os ursos lutadores disciplinados, são eles obrigados a usar mordaca nos "matches", medida aconselhada pelo receio de uma "ursada".

Dr Milton de Almeida
OUVIDOS · NARIZ · GARGANTA

DIAGNÓSTICOS · TRATAMENTOS · OPERAÇÕES

3^{AS} 5^{AS} SABADOS - 15 as 19 HORAS
LARGO CARIOCA, 5-1º and. SALA 101
TEL. 22-0707 e 46-2317

REVELAÇÕES FRUSTRADAS

De RICARDO SERRAN

QUANTAS e quantas vezes aconteceu? Basta prestar atenção ao assunto e logo aparecerão os exemplos. No tempo do amadorismo não havia maior prejuízo, a não ser para a vaidade do atleta. Hoje, porém, uma revelação frustrada pode custar muito caro. Daí a necessidade de contar com bons observadores, para evitar prejuízos. Na aurora do profissionalismo, lá por volta de 1933, a aquisição dos craques foi feita sem método, verdadeiro período em que os aventureiros dominaram. Os craques que haviam mudado de categoria, logicamente continuaram como jogadores de classe, mas a implantação do regime remunerado prestou-se à invasão do mercado por parte dos que apenas tinham vontade de aparecer e um par de chuteira. Ninguém deve ter esquecido das famosas revelações que andaram atrapalhando quase todos os clubes do Rio. E o Bangu, pequeno clube em 1933, pôde surpreender os novos ricos e ganhar o título. Depois os interessados foram tomando juízo e os casos foram rareando, mas não desapareceram e voltarão a acontecer no futuro. Às vezes, independe da vontade do jogador, observador ou do clube, a promessa de craque não se transformar em realidade. Em bloco, não há exemplo mais frisante do que o famoso time de juvenis do Fluminense, apontado como capaz de suprir o time de profissionais de todos os valores necessários. O time era mais ou menos assim: Veludo; Lafaiete e Pinheiro; Oswaldo, Waldyr e Luciano; Haroldo, Robson, Jeronimo, João Carlos e Tite. Bi-campeão da categoria, passou de categoria pela idade, entrando depois Emilson, Adalberto, Telê e Quincas, entre outros. Exceção feita a Pinheiro, que subiu direto para o primeiro quadro, os outros fizeram algumas tentativas, sem conseguir a permanência definitiva. Emilson, considerado como a revelação das revelações, ficou sem maiores oportunidades. É verdade que ficaram mais baratos do que se fossem comprados a outros clubes e as despesas do Fluminense não foram além das normais, pois os citados elementos ganhavam apenas como aspirantes. No Flamengo, havia um Jacy, cotado como o novo Leonidas, fracassando inteiramente quando ascendeu ao quadro principal. No passado — 1933 e adjacências — Bermudes e Sinhô, entre outros, foram exemplos; hoje, para citar os casos mais recentes de 1951 temos Vilalobos, que veio do Peru como revelação e anda encostado no Fluminense; Amorim e Cabano, descobertos pelo Vasco no nordeste e no sul respectivamente, sem condições para passar

para a primeira categoria: Almir, que era indicado para ficar desde logo na equipe principal do Flamengo, como zagueiro central, ainda lutando para garantir um lugar ao sol na linha média dos aspirantes. São os onus, aos quais não podem fugir os clubes, por mais experimentados que sejam os observadores, por melhores que sejam as intenções dos players e dos dirigentes. O consolo é que na música e na pintura, nas artes enfim, as coisas ocorrem com igual frequência, os cantores, músicos ou pintores precoces, revelações que provocam manchetes e adjetivos sem conta, acabam, ficando, quando chega a idade, frustradas as promessas de que continuariam subindo de classe. É lógico que assim aconteça, pois não seria compreensível que uma geração somente fornecesse valores de primeira grandeza para o futebol, pois deixaria de existir o adjetivo craque para destacar os melhores entre as levadas de jogadores. Apenas, no Brasil, craque há muito tempo deixou de ser adjetivo, para se transformar em sinônimo de jogador.

BERMUDES



O quadro do San Lorenzo, que nos visitou em 1939.

AS TEMPORADAS DOS QUADROS ARGENTINOS NO BRASIL — de 1908 a 1948

O COTEJO. Brasil-Argentina (oficial) teve início em 1914 (Copa Roca). Mas, antes, desde 1908, já havíamos tido jogos entre quadros dos dois países, no Rio e em São Paulo. Desde aí, as relações foram se apertando cada vez mais, somente paralisando-se em 1948, pelos acontecimentos de domínio público. Vejamos, porém, a história das temporadas argentinas — clubes e combinados — em campos brasileiros:

1908 — COMBINADO DO ALUMNI — Foi esta a primeira temporada de um quadro argentino no Brasil, exibindo-se primeiro em São Paulo e depois no Rio. Três jogos contra os paulistas, com 2 vitórias dos visitantes e 1 empate. No Rio, os argentinos venceram todas as partidas.

1912 — COMBINADO DO ALUMNI — Os argentinos voltaram em 1912, com o mesmo combinado, e jogaram mais uma vez no Rio e em São Paulo, apenas. E foi então que eles conheceram a primeira derrota, por parte do Paulistano, por 4 a 3. Porém venceram as demais partidas (3). No Rio, voltaram a vencer todas as partidas, entre as quais uma por 9 a 1, contra o combinado dos jogadores ingleses dos clubes cariocas.

1917 — BARRACAS — Somente em 17 voltaram a aparecer os argentinos no Brasil, por intermédio do Barracas, que jogou no Rio 4 partidas, com 2 empates e 2 derrotas.

1926 — AMATEURS — Depois da Argentina ter-se exibido 2 vezes nos campeonatos sul-americanos (19 e 22), voltamos a ter um quadro visitante de Buenos Aires. Este foi o combinado da Amateurs, que jogou 5 partidas em São Paulo, sem nenhuma derrota.



A equipe do Boca Juniors concretizou a pacificação do futebol platino-brasileiro com a sua vinda ao Rio, a primeira vez depois de 1948, para jogar com o Flamengo. Reuniram-se, assim, os clubes que mais acertadamente podiam representar o futebol e a torcida dos dois centros da América do Sul, pois tanto o Flamengo como o Boca são considerados os clubes que maior torcida possuem no Brasil e na Argentina

TEXTO DE OLIMPICUS

1929 — BARRACAS — O Barracas voltou em 1929, jogando uma série de partidas no Rio e em São Paulo. No Rio, perdeu 2, ganhou 1 e empatou 1. Em São Paulo, ganhou 2, perdeu 3 e empatou 1.

1930 — TUCUMAN — O selecionado de Tucuman veio ao Brasil em 1930, estreando no Rio contra o América, com 1 vitória por 6 a 2. Perdeu para a seleção carioca por 3 a 2. Empatou com o Vasco por 1 a 1 e com uma seleção por 3 a 3. Em São Paulo sua atuação foi desastrosa, perdendo para o Palestra por 4 a 1, para o Corinthians por 7 a 2, para um combinado por 5 a 2 e para o Santos por 4 a 1.

1930 — HURACAN — O Huracan disputou 2 partidas no Rio e ambas as vezes empatou. Em São Paulo perdeu 3 partidas e ganhou 1.

1930 — ESPORTIVO DE BUENOS AIRES — Este quadro fracassou, sendo derrotado no Rio, São Paulo e Santos, inclusive pelo combinado paulista por 8 a 1.

1931 — GYMNASIA Y ESGRIMA — O Gymnasia y Esgrima disputou algumas partidas no Rio e em São Paulo, com empate e derrotas. Não causou boa impressão.

1934 — NACIONAL DE ROSARIO — Outro quadro modesto, que veio durante a cisão. Jogou 2 vezes, perdeu 2 vezes (contra o Palestra e o Botafogo).

1935 — RIVER PLATE — Esta foi a primeira sensacional temporada dos clubes argentinos no Brasil, quando realmente entrou no apogeu o futebol portenho. O River disputou uma série de partidas e somente foi derrotado uma vez, em São Paulo, pelo São Paulo, por 2 a 1 e outra vez no Rio, contra um combinado Rio-São Paulo, também por 2 a 1. Venceu as demais partidas.

1935 — BOCA JUNIORS — Mais sensacional que a do River, foi a temporada do Boca, que saiu invicto do Rio, com 2 vitórias e 1 empate. Em São Paulo, perdeu para o Corinthians por 2 a 0, empatou com o Palestra.

1936 — ESTUDIANTES DE LA PLATA - VELEZ SANSFIELD — O Estudantes de La Plata jogou em São Paulo, perdendo 3 partidas. O Velez jogou 2 partidas no Rio, perdendo 1 e empatando outra, enquanto que o Estudantes ganhou no Rio do São Cristóvão. Perdeu para o Vasco. Em São Paulo o Velez perdeu para o Palestra.

1936 — HURACAN — O Huracan veio pela segunda vez ao Brasil em 36. Ganhou do Vasco por 2 a 1 e perdeu para o mesmo clube por 4 a 3. Apanhou do São Cristóvão por 6 a 0. Em São Paulo o Huracan empatou com o Corinthians, perdeu para o Palestra e derrotou o Santos.

1937 — COMBINADO BECAR VARELA — Durante a luta com a CBD as "especializadas" mandaram vir o Combinado Becar Varela, que

foi derrotado amplamente no Rio em todas as partidas. Somente em S. Paulo o combinado venceu a Portuguesa, realizando, a seguir, em outros centros, algumas partidas de secundária importância.

1939 — HURACAN — Mais uma vez o Huracan jogou no Rio e em São Paulo, então em 1939, ganhando uma e perdendo duas partidas em São Paulo. No Rio de Janeiro foi abatido uma vez. Pouco antes quem veio efetuar mais uma temporada, longa, aliás, de norte a sul do país, foi o Atlanta, com derrotas e vitórias intercaladas, aliás, temporada modesta de um pequeno clube.

1939 — SAN LORENZO - INDEPENDIENTE — Verdaderamente, depois do River e Boca, os demais clubes que conseguiram sucesso espetacular foram o San Lorenzo e o Independiente, que se exibiram no Rio, duas vezes (1939-40). O Vasco venceu o Independiente por 5 a 2 e o Flamengo também venceu aquele clube por 2 a 1. Mas o San Lorenzo abateu o Botafogo por 5 a 1 e depois o Vasco por 1 a 0, enquanto o Flamengo superou o Independiente por 4 a 3. Na temporada seguinte o San Lorenzo e o Independiente ganharam todas as partidas, cabendo ao Vasco vencer um torneio relâmpago com aqueles clubes, que foi a única vitória dos cariocas.

1941 — GYMNASIA Y ESGRIMA — Outra temporada fraquíssima a do Gymnasia y Esgrima. Empatou duas partidas em São Paulo e perdeu uma, enquanto que no Rio também perdeu uma. O Gymnasia ainda jogou na Bahia, no Paraná e em Porto Alegre.

1945 — ROSÁRIO CENTRAL — Outro pequeno clube que nos visitou sem chamar muita



O quadro do Botafogo em 1939.

atenção. Jogou em São Paulo, Minas e Bahia, com resultados fracos.

1947-1948 — BOCA JUNIORS e RIVER PLATE — Grande sucesso obtiveram o Boca e o River nas suas duas temporadas em São Paulo, em 1947 e 1948, quando foram estabelecidos todos os recordes de renda em partidas internacionais da série. O Boca venceu duas partidas e empatou uma, o River ganhou duas e perdeu uma. Na temporada seguinte os dois clubes disputaram em São Paulo sete partidas com três empates, duas derrotas e duas vitórias. No Rio, o Boca disputou uma única partida, vencendo o Vasco.

1948 — RACING e SAN LORENZO — O Racing e o San Lorenzo disputaram uma única partida, cada, no Rio. O San Lorenzo venceu o Vasco e o Racing foi derrotado pelo Fluminense. Estas as duas últimas partidas no Brasil, antes de ser paralisado o intercâmbio brasileiro-argentino.

QUEDA DOS CABELOS
Calvície precoce

JUVENTUDE ALEXANDRE
INSUPERÁVEL
Há cinquenta anos.

O GLOBO SPORTIVO

Revista semanal — Redação e Administração: Rua Itapiru, 1209 — Rio de Janeiro — Brasil — Caixa Postal 4602 — End. Telegráfico: "Globojuveni" — Tel. 48-6287 — Direção de ROBERTO MARINHO e MARIO RODRIGUES FILHO — Superintendente: HENRIQUE TAVARES — Gerente: RUBENS DE OLIVEIRA — Secretário: ARTHUR THOMAZI — Serviço fotográfico de: INDAIASSU LEITE — e colaboração dos ilustradores: OTELO e GUTEMBERG Número avulso: Cr\$ 3,00 — Assinaturas para todo o país — porte registrado: anual Cr\$ 170,00.



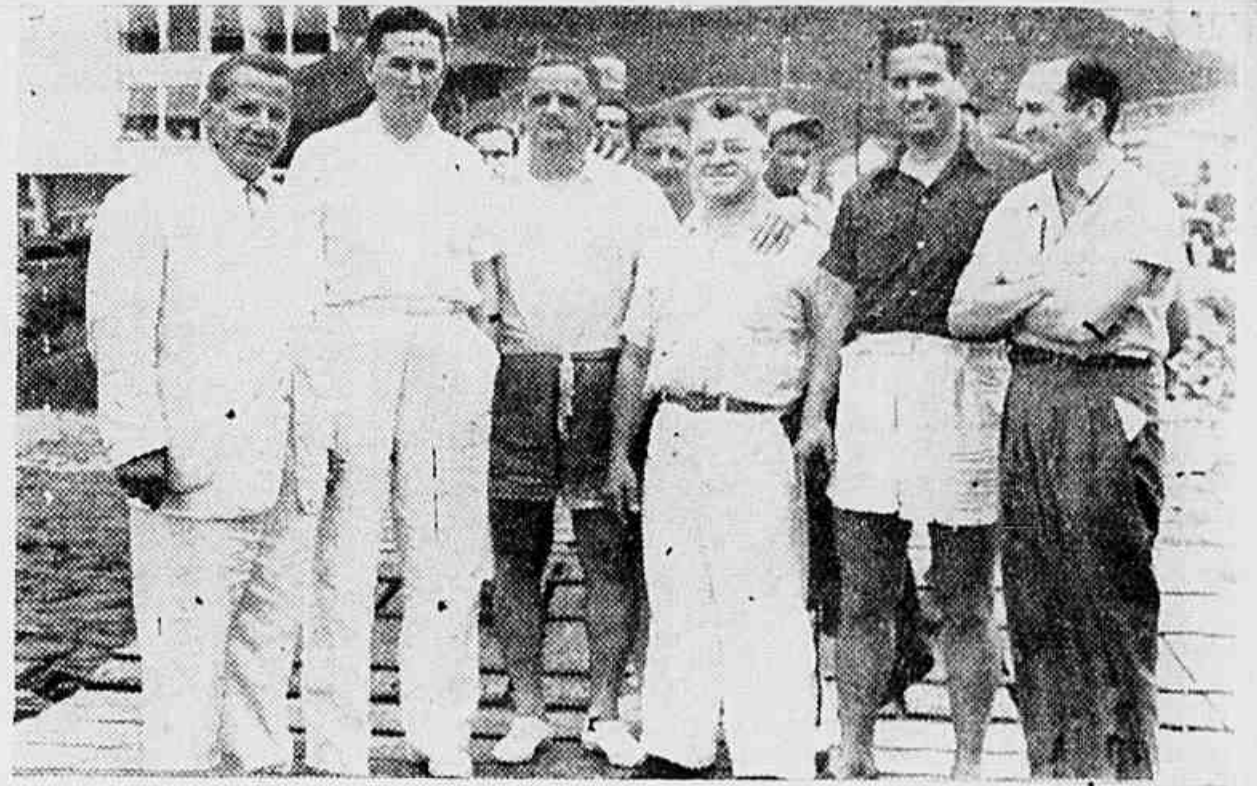
O match da paz, como ficou para a história das relações do futebol platino-brasileiro, o encontro Flamengo x Boca constituiu um bom espetáculo, fértil em lances emocionantes, mormente com a reação que deu aos argentinos o empate, depois de o Flamengo já estar jogando quase como vencedor. No clichê aparece Aluisio tentando romper a defesa portenha, lutando com Ferruccio, enquanto o goleiro Diano está firme na jogada.



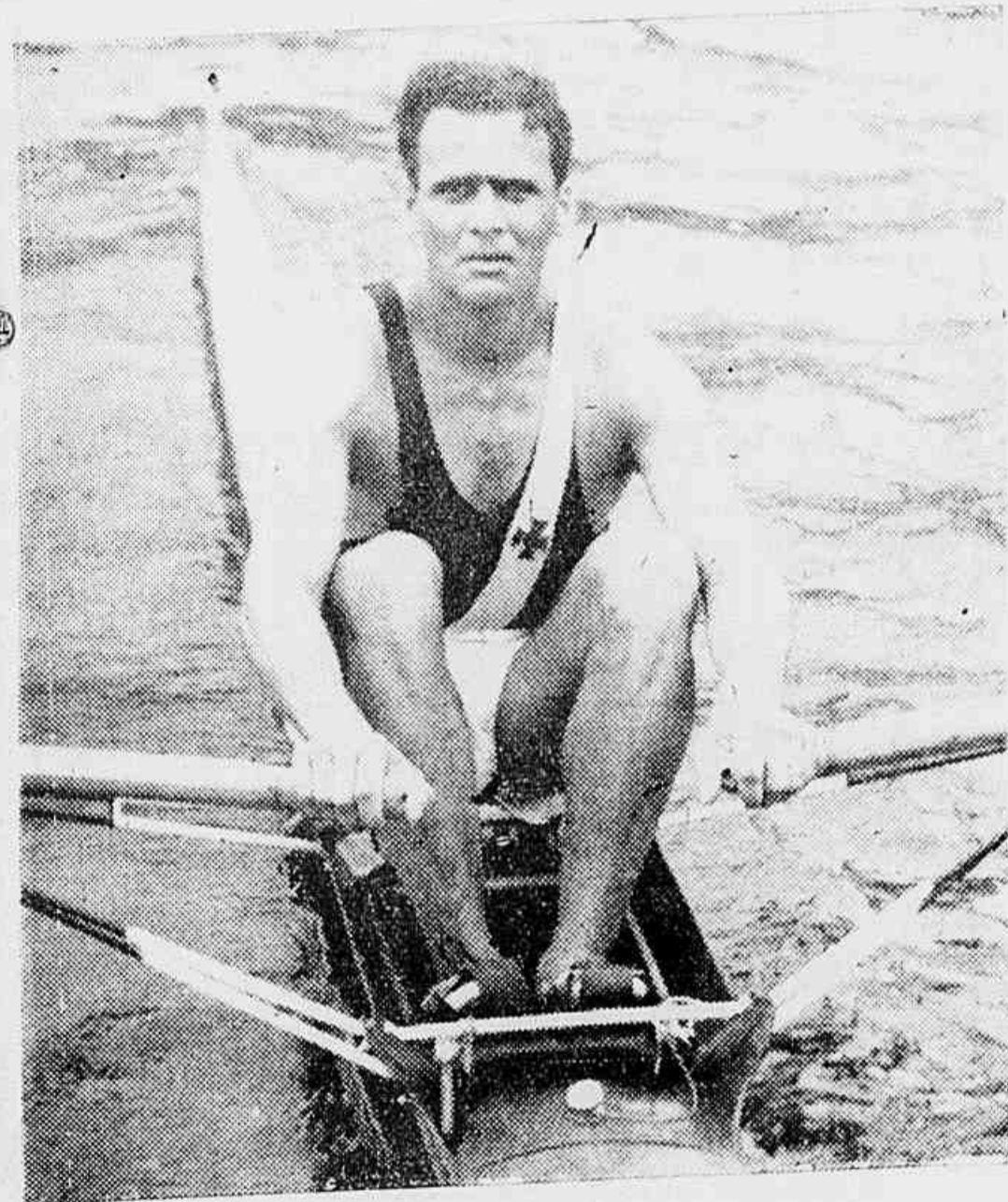
O Flamengo, jogando melhor, impôs-se durante bastante tempo ao esquadrão do Boca e essa superioridade foi expressa no marcador em dois gols, conquistados, respectivamente, por Hermes e Rubens. Mas, reagindo, o Boca teve em Borelli o marcador do primeiro gol, até que Benítez empatou, definindo o marcador. No clichê, um ataque do Flamengo, em que Esquerdinha pula na bola, enquanto Hermes e Adãozinho estão na área, aguardando o resultado do lance.



O "oito" do Botafogo — o "Scorpion" — vencedor da última prova do campeonato.



Depois da regata, Ciro Aranha recebe os cumprimentos dos esportistas dos demais clubes participantes.



Francisco Medina ganhou mais uma vez.

REMO

Oito vêzes campeão

A CHUVA persistente que molhou os barcos do 53.º Campeonato Carioca de Remo não impediu que a prova máxima da nautica carioca tivesse um desenrolar verdadeiramente sensacional. E' certo que a chuva copiosa prejudicou um pouco a parte técnica da competição, mas os quatro grandes adversários da cidade foram à raia com tôdas as suas possibilidades e cada páreo foi disputado renhidamente, registrando-se duelos espetaculares, que fizeram vibrar um grande público que acorreu à raia da Lagoa Rodrigo de Freitas. Vasco, Botafogo, Flamengo e Icarai travaram a luta pelo título carioca, que afinal pertenceu ao grêmio cruzmaltino, que conquistou o oitavo certame consecutivo. A representação do Vasco levantou quatro páreos: skiff, quatro sem patrão e com patrão, e o dois com patrão, chegando ainda em segundo no "oito" e em terceiro no "double". Todavia, o páreo mais sensacional foi justamente o do "oito" em que a guarnição favorita dos cruzmaltinos perdeu para o Botafogo. Aliás, o grêmio alvi-negro foi o vice-campeão, com vitórias no "oito" e no dois sem patrão. Por outro lado, o Flamengo venceu o double-skiff, tendo ainda obtido dois terceiros. As guarnições vencedoras dos sete páreos do campeonato foram as seguintes: outriggers a quatro remos, com patrão — Waldemar Scovenio, com os remadores Eugenio Botineli, Moacyr Cruz, João Calisto e Dezio Correia; outriggers a dois, sem patrão — Botafogo, com os remadores José Muniz e Tomaz Magalhães; single-skiff — Vasco, com Francisco Medina; outriggers a dois, com patrão — Vasco, com Adriano Soares e os remadores Moacyr Cruz e Leon Menezes; outriggers a quatro, sem patrão — Vasco, com os remadores Mario Lamosa, Pedro Souza Lima, Celio Almeida e Julio Francisco Abreu; double-skiff — Flamengo, com Milton Gomes e Francisco Silva; outriggers a oito — Botafogo, patrão Osmar de Souza, e remadores Jamil Cruz, Tomaz Magalhães, Guilherme Silva, João Barbosa, José Muniz, Honório Camargo, Elias Alves e Ivo Reis. A contagem final de pontos foi a seguinte: Campeão — Vasco, com 60 pontos; vice-campeão — Botafogo, com 47; 3.º — Flamengo, com 29; 4.º — Icarai, com 28; 5.º — Pirajú, com 7; e 6.º Natação, com 1.



Outro vencedor cruzmaltino, o dois com patrão.



O quatro com patrão do Vasco, campeão carioca.

Grande vitória fora do campeonato



Não há dúvida, foi um grande feito a vitória do Vasco sobre o Boca Juniors, pela contagem de três a zero. O grêmio carioca jogou um bom futebol, bem na defesa e apresentando um ataque agressivo, merecendo por isso uma vitória de vulto. Alias, o Vasco jogou como precisava ter feito nas partidas de campeonato. No clichê vemos uma situação difícil criada pelo ataque cruzmaltino, justamente na fase em que melhor esteve armado o esquadrão vascaíno. Tesourinha e Friaça estão atentos ao lance, enquanto Ipojuacan torça o goleiro Diano.



A exibição do Vasco contra o Boca foi verdadeiramente fora de campeonato, e o quadro deu a impressão perfeita de que estava jogando o que seus craques realmente sabem, livres das responsabilidades do tri-campeonato. Foi o Vasco jogando em grande estilo, embora houvesse caído de produção depois que o marcador alcançou o número dois. No clichê um pulo espetacular de Diano, que todavia de nada adiantaria, se a bola chutada por Friaça não houvesse batido na trave, voltando depois ao gramado.



Quanto à exibição do Boca, positivamente não foi do mesmo quilate da apresentada contra o Flamengo. Os platinos desta vez não tiveram a mobilidade necessária para neutralizar as boas jogadas cruzmaltinas. Talvez o cansaço das viagens seguidas dos últimos dias. No clichê vemos o lance do segundo gol do Vasco, em que Danilo chutou mas Diano não conseguiu deter a bola, e Friaça saltando por cima alvejou a meta vazia. Esse gol veio dois minutos depois do de abertura da contagem, de autoria de Ipojuacan, depois de Friaça haver enganado a defesa platina.



E foi depois do segundo gol que Friaça sentiu a dor de cabeça que o atacou nos últimos dias, sendo então substituído por Amorim. Este jogador teve várias chances de gol, mas saiu-se sempre com infelicidade e com isso o Vasco, que saíra com jeito de dar uma goleada, acabou caindo de produção. No clichê um lance da partida em que Montano aparece com a bola, sob a perseguição de Augusto. A defesa cruzmaltina jogou bem e soube inutilizar todas as tentativas dos argentinos junto ao arco de Barbosa. O próprio goleiro vascaíno também entrou bem em todas as vezes que foi chamado.



A retaguarda do Vasco teve duas grandes figuras, que foram Augusto e Jorge. Danilo teve bons momentos, enquanto que Ely voltou a produzir fracamente, sendo até substituído por Bira. E o novato jogou bem, armando melhor a intermediária. No ataque a ala Tesoura-Ipojuacan apareceu com grande destaque, Jansen fez um bom serviço de apoio ao ataque. Amorim, que entrou no lugar de Friaça, nada fez e depois que saiu para dar lugar a Edmur, melhorou a produção do ataque. Chico também foi substituído e Dejour fez um bom final, lembrando os seus melhores dias.



No Boca Juniors, Diano não convenceu no arco, falhando no segundo tento. Na zaga, Colman foi uma grande figura, sendo que, dos médios, Acosta foi o melhor, seguido de Soza. O ataque só contou com dois homens que trabalharam com afinco, e que foram Seghini e Gonzalez sendo que os demais fracassaram inteiramente, inclusive Benitez. No clichê vemos Barbosa esperando uma bola com segurança. Depois do segundo gol o Vasco não teve mais preocupações e o tento número três, de Ipojuacan, foi conquistado quando a vitória já estava praticamente consumada.

A CONQUISTA DOS RECORDES

TUDO neste mundo tende a progredir e paralelo ao progresso que se vai verificando em todos os setores da vida humana, também os esportes têm u'a marcha de progresso. No futebol, os jogadores de dia para dia procuram aperfeiçoar-se, e assim também acontece com a natação, cujos nadadores procuram melhorar cada vez mais as marcas até

hoje conseguidas. Essas marcas foram homologadas desde 1929, quando foi oficialmente homologado o primeiro recorde conseguido em piscina. Assim instituíram os mentores da Federação Metropolitana de Natação os recordes cariocas, brasileiros, sul-americanos e mundiais.

A respeito dos recordes cariocas, já falamos em reportagem anterior e portanto reitaremos desta vez os recordes brasileiros, nado livre, homens, para os 100, 200, 300, 400, 500, 800, 1.000, 4 x 100 e finalmente o do 4 x 200.

RECORDE BRASILEIRO DE HOMENS, NADO LIVRE PARA OS 100 MS.

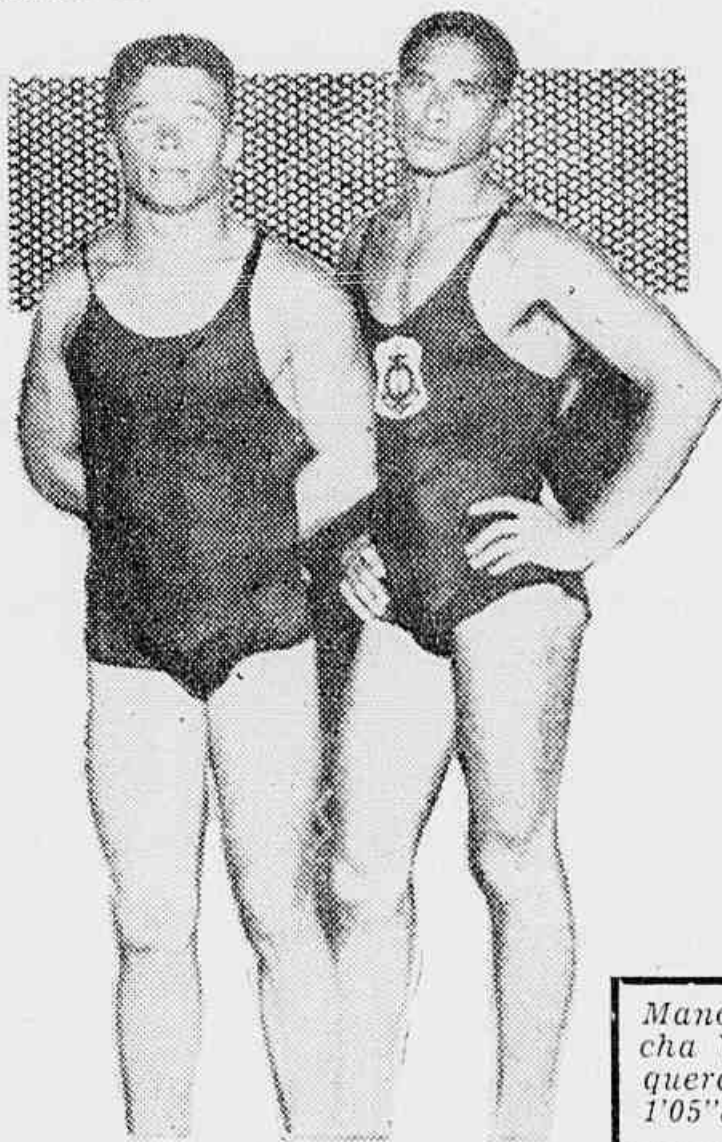
O PRIMEIRO recorde brasileiro na distância dos 100 metros nado livre, para homens, foi homologado em 15 de dezembro de 1929 e foi consignado por João P. T. Pereira, na piscina do Fluminense, conseguindo o tempo de 1'11"1. Naquela época foi considerado ótimo tempo, porém não durou muito e Murilo Lopes que já havia conseguido o carioca, em maio de 1930, baixou a marca de João para 1'09"4. Outros recordistas foram baixando o tempo das marcas, como por exemplo João P. Junior, Ellie Bassoul, novamente João P. T. Pereira, até que surgiu o nome de Manoel da Rocha Villar, que por várias vezes quebrou o recorde carioca, e que também por quatro vezes conseguiu triunfar na luta contra o cronógrafo.

Em 22 de maio de 1932, Manoel Villar quebrou a marca anterior que era de 1'06"8, conseguindo marcar o ótimo tempo de 1'05"8.

Durante três anos esteve este recorde brasileiro em seu poder e a última performance que conseguiu, assinalou 1'01"8, baixando portanto 4 segundos, o que significa muito em natação.

A 17 de março de 1937 o excepcional nadador Paulista Willy Otto Jordan, conseguiu descer apenas 5 décimos de segundos, porém o mesmo Willy, em 1942, ainda em S. Paulo, desceu para menos de um minuto a marca nacional dos 100 metros. Neste mesmo ano, Willy, novamente em S. Paulo, fez outra tentativa, porém não foi feliz e conseguiu apenas igualar a sua marca anterior que era de 59"7.

Manoel da Rocha Villar (à esquerda). Marcou 1'05"8 em 1932.



Cinco anos perdurou o recorde de Willy Otto Jordan, e depois desse longo período surgiu Sergio Rodrigues, que se tornou "fita azul", pois a 6 de setembro de 1947 conseguiu o melhor tempo para os 100 metros, assinalando 59"5 o que constituiu o recorde brasileiro desta distância e portanto considerado o mais veloz nadador nacional, motivo este da denominação "Fita Azul".

Pouco tempo porém durou o recorde de Sergio Rodrigues, porque logo após apareceu Aram Boghossian, nadador do Tijuca Tennis Clube, que conseguiu após brilhante tentativa estabelecer o novo recorde brasileiro e tornando-se deste modo o novo "fita azul" da natação nacional. Demonstrando excelente forma física e técnica, a 15 de maio de 1948 Aram logrou quebrar a sua própria marca assinalando o notável tempo de 58"4, que constituiu não só um recorde brasileiro como também sul-americano.

Ficou deste modo patenteada a classe, a técnica e a excelente forma física do nadador "cajuti", que se tornou o nadador mais veloz do continente sul-americano, na distância dos 100 metros nado livre.

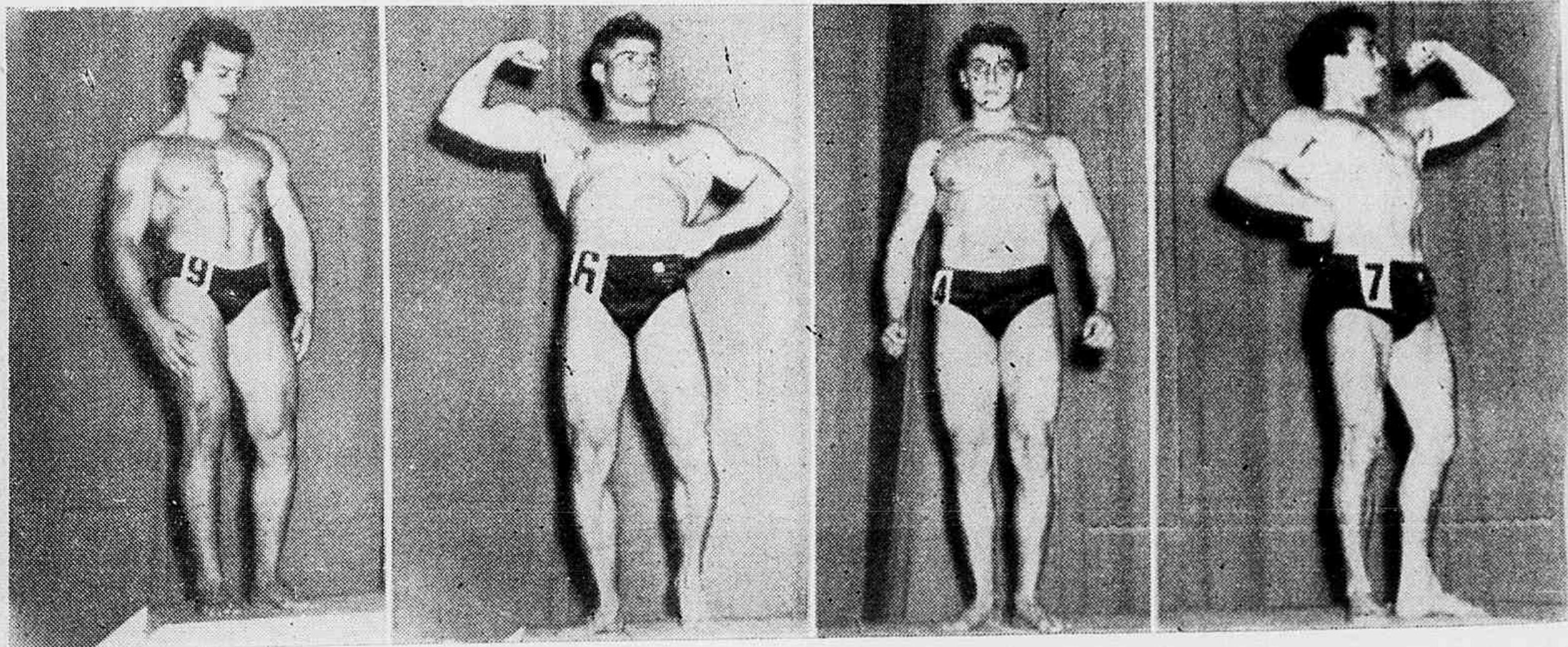
RECORDES BRASILEIROS DOS 200 METROS, HOMENS, NADO LIVRE

SOMENTE em 1931, é que foi homologado o primeiro recorde brasileiro dos 200 metros, homens, nado livre. O primeiro nadador foi Ary Azeredo e sucedeu-se em 29 de novembro. Em uma competição realizada no Fluminense, Ary conseguiu superar o "carioca" e estabelecer o brasileiro com o tempo de 2'51" "cravados". Por mais duas vezes baixou para 2'40"8. Após este recorde, surgiu Manoel da Rocha Villar que, também na piscina do Fluminense, por três vezes venceu a marca brasileira diminuindo de 2'23" para 2'19", isto no espaço de 2 anos, sendo que este último foi assinalado em 23 de abril de 1935.

Dentro do período de 1935 a 1940 muitas tentativas foram levadas a efeito e em consequência houve baixa no tempo, porém cabe notar que não foram grandes os resultados técnicos, pois que neste período a melhora foi apenas de 6 décimos de segundos.

Willy Otto Jordan, o excelente nadador paulista, foi quem conseguiu assinalar o tempo de 2'18"4. Em 1946 Eduardo Alijó do Fluminense marcou um novo recorde brasileiro assinalando 2'15"4. Dois meses depois, o mesmo Alijó na piscina do Botafogo logrou quebrar a própria marca, fixando o recorde brasileiro em 2'15" cravados.

Não durou muito tempo este recorde em poder de Alijó, porque em 17 de abril de 1948 o já falado nadador "cajuti" supera o recorde anterior por 2 segundos, o que representa muito em natação. Até a presente data nenhum outro nadador tirou de Aram esta marca.



O MELHOR FÍSICO CARIOCA — O sucesso do alterofilismo como esporte pode ser aquilatado pelo número de academias que têm surgido no Rio nos últimos tempos, e pelos atletas que, cada vez em maior proporção, concorrem a certames dessa natureza. Os ginásios, montados de acordo com o melhor que há em técnica, produzem físicos realmente extraordinários, e, como complemento dos certames de levantamento de peso propriamente dito, há o cotejo para a escolha, além do vigor físico, do atleta que apresente melhor beleza de músculos. Daí o certame do melhor físico, que este ano superou todas as expectativas, dada a ocorrência de candidatos, com atributos de grandes concorrentes. No clichê aparecem vários concorrentes, entre eles Nelson Dias de Carvalho, o Melhor Físico de 51.

ARAM E OS 300 METROS

A PÓS uma sensacional prova, Manoel Rocha Villar, tentando o recorde brasileiro dos 300 metros, conseguiu bater não só o dos 200 metros de passagem, como, também, estabelecer a primeira marca que foi de 3'48"1 para os 300 metros, o que constituiu uma dupla vitória para o excelente nadador.

Quatro anos depois, novamente Villar quebra esta marca estabelecendo o tempo de 3'45"2. Se formos somar o total do tempo que permaneceram os recordes em poder de Manoel, teremos 10 anos, pois somente em 1945, assim mesmo em novembro, é que Sergio Rodrigues, considerado naquele ano o "fita azul", quebrou a marca de Villar estabelecendo o tempo de 3'41"2.

Pouco tempo ficou em poder de Sergio, pois no ano imediato o nadador tricolor Eduardo Alijó o desceu para 3'40"8.

Como das vezes anteriores o veloz Aram Boghossiam, do Tijuca, e já considerado "fita azul", por duas vezes fez descer esta marca, sendo a primeira em 1947 e cujo tempo foi de 3'40" cravados e a segunda em 1948 descendo, nada mais nada menos, de 7 segundos e 8 décimos. Também convém destacar que até ao dia de hoje não superaram a sua marca.

OS 400 METROS, MANOEL VILLAR E ARAM BOGHOSSIAM

A 15 de dezembro de 1929, Gastão Sampaio Pereira, na piscina do Fluminense, assinava, com o tempo de 6'10"0, o recorde brasileiro dos 400 metros. No ano seguinte, isto é, em 30, pela primeira vez era quebrada esta marca. Seguiram-se os anos de 1931, 1935 e em 1939 surgiu nesta distância o grande nadador que, de posse de outros recordes, tentava desta feita a marca dos 400. Assim sendo, em junho de 1939, ficava o nome de Manoel da Rocha Villar na história da natação como sendo o novo recordista brasileiro dos 400 metros, com o tempo de 5'06"4, que posteriormente Manoel baixou para 5'04"4.

Não durou muito tempo, pois em 1945 e em 46 foi melhorada a marca deixada por Villar, pois o dinâmico Aram Boghossiam conseguiu por mais de uma vez a melhora do recorde por ele conseguido que foi de 4'54" cravados.

Ainda este ano, no mês de janeiro, Aram conseguiu a melhorar a sua marca para 4'50"9.

Cabe notar que ainda desta vez Aram é o possuidor deste recorde sem que outro nadador tenha melhorado o tempo por ele conseguido. O nadador "cajuti" é realmente excepcional, e de grandes qualidades quer tecnicamente quer fisicamente.

NOVAMENTE ARAM NOS 500 METROS

O PRIMEIRO recorde brasileiro dos 500 metros foi conseguido pelo nadador paulista João P. Junior com o tempo de 7'24"2, em S. Paulo. Quatro anos depois, isto é, em 1938, caía esta marca e assim consecutivamente em 1939, 40, 42 e 45 quando Sergio Rodrigues era considerado o "fita azul" da natação brasileira, assinalando o tempo de 6'33"1.

Apenas dois anos durou esta marca, pois novamente Aram arrebatou de Sergio com o excepcional tempo de 6'16"9 que até hoje permanece inalterável.

800 E 1000 METROS

NA distância dos 800 metros somente em 1935 foi homologado o 1.º recorde, quando Luiz S. Filho numa feliz tentativa estabeleceu o tempo de 12'32"0. Neste mesmo ano, Manoel da Rocha Villar baixou por dois minutos a marca anterior, assinalando o tempo de 10'48"4.

Durou 11 anos e foi Antenor Ferreira da Silva, o chamado "Paraíba", que em 1946 marcou 10'38"2. O mesmo "Paraíba", desta feita em 1948, em Montevideu, desceu a sua antiga marca para outra melhor, isto é, para 10'36"6. Três anos depois, ainda "Paraíba" torna a melhorar para 10'34"0.

Em 1950, em São Paulo, João Gonçalves conseguiu melhorar o tempo para 10'33"6.

Como um "astro", eis que surge em janeiro do corrente ano, o já conhecido "Peixe Voador" de Marília, São Paulo, Tetsuo Okamoto, que demonstrando excepcionais condições físicas conseguiu melhorar a marca de João Gonçalves por mais de 17 segundos, o que significa uma formidável performance.

Quanto aos 1.000 metros, Max Delfine foi o primeiro recordista nesta distância. O nadador paulista marcou o tempo de 15'19"8 para os mil metros. Após uma inércia de 5 anos, pois ninguém tentava bater a marca acima, eis que Manoel da Rocha Villar, na piscina do Guanabara, quebra o recorde anterior assinalando o tempo de 14'06" cravados.

"Paraíba", isto é, Antenor Ferreira da Silva, em maio de 48 modifica o recorde, melhorando-o para 13'32"5.

OS 4x100 E OS 4x200

EM 1934 uma equipe constituída por Manoel Villar, Benevenuto Nunes, Isac dos Santos e Antonio Ferreira dos Santos marcou o primeiro recorde dos 4x100, marcando o excelente tempo de 4'20"9.

Foram os anos passando e outras equipes se formaram a fim de quebrar as marcas anteriores, e conseguiram. Como exemplo poderemos citar a constituída em 1948, que assinalou o tempo de 3'58"5 e que foi formada por Aram Boghossiam, Plauto, Willy Otto e Sergio Rodrigues.

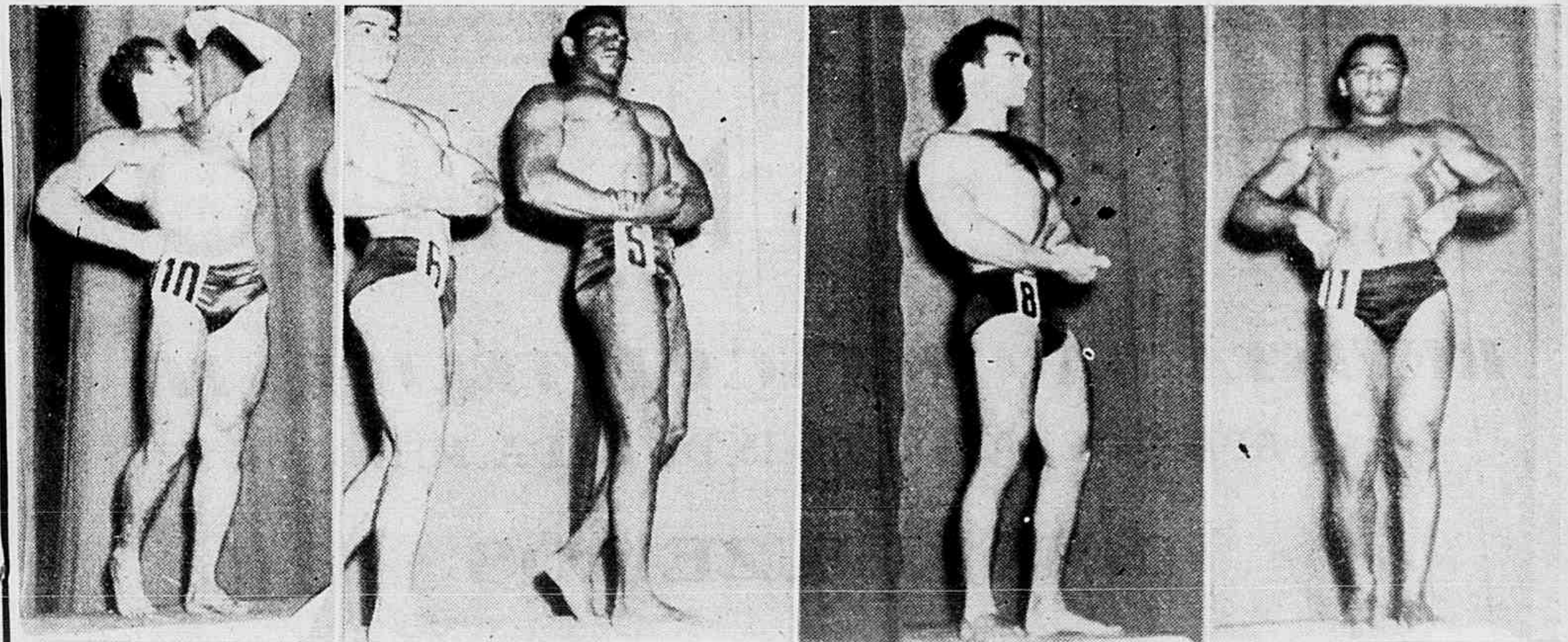
Para o recorde dos 4x200, que vem sendo homologado desde 1929, o primeiro foi assinalado por Ellie Bassoul, Roberto Pessoa, João Neto e Hugo Figueiredo, cujo tempo foi o de 11'12" cravados e realizado na piscina do Fluminense. Por oito ou nove vezes foi este recorde melhorado, e em 1950 uma equipe constituída por Okamoto, Nelson Casadei, Rolf e Aram, assinalou o tempo de 9'08"5, o que significou uma grande melhora no nível técnico adquirido por estes nadadores.



Okamoto, o melhor nadador brasileiro da atualidade.



Benevenuto Martins Nunes.



A classificação dentre os concorrentes de vários clubes e ginásios obedece ao critério de perfeição muscular, e para tanto são observados os mínimos detalhes na medição do torax, pernas, braços e pescoço. Após essa análise da comissão julgadora, foi escolhido o vencedor, Nelson Dias de Carvalho, que aparece no primeiro clichê em cima. O segundo colocado foi o rubro-negro Joaquim Coutinho, vindo em terceiro o atleta Fausto Alegrete, do Natação e Regatas, em quarto, outro rubro-negro, João de Deus. Os flagrantes que publicamos, colhidos durante o desfile dos candidatos ao Melhor Físico Carioca, mostram a qualidade dos atletas concorrentes, todos possuidores de grande vigor físico.

A REVISTA SESINHO

NA OPINIÃO DE MESTRES E EDUCADORES.

"Tendo dispensado atenta leitura a alguns exemplares de "Sesinho", posso externar com segurança o meu juízo de educador. Trata-se de revista cuja circulação entre educandos as casas de ensino podem autorizar e mesmo recomendar, por isso que é um excelente auxiliar do ensino, mercê da orientação pedagógica e inteligente com que é redigida. Digna de aplausos e de louvor a intenção e a habilidade com que se alcança em cheio o seu duplo objetivo: educar, divertindo".

a.) BRENO VIANA, diretor do Ginásio "Nogueira da Gama", Guaratinguetá — Est. de São Paulo — 5-6-50.

* * *

"Logo ao percorrer as interessantes páginas de "Sesinho" fiquei admirado pela boa apresentação da revista. Não há dúvida que todos os meninos que lêem a revista ficam encantados".

a.) IRMÃO ROSARIO, c. e. Juvenato "Sagrado Coração" — Campanha — Sul de Minas — 29-1-50.

* * *

"Agradeço o interessantíssimo exemplar de "Sesinho" e, exprimindo meus entusiásticos aplausos pela iniciativa, peço o favor de remeter outros exemplares para propaganda entre os alunos deste educandário".

a.) PADRE NORBERTO DIDONI — Colégio "São José". — Pouso Alegre — Minas — 1-3-50.

* * *

"Examinando a revista "Sesinho" achei-a útil e interessante. Rogo-lhe, pois, a fineza de remeter-me, se possível, os números já publicados, e de incluir o nome do nosso Colégio na lista de seus assinantes".

a.) IRMÃ NAZARETH DA TRANSFIGURAÇÃO — Conceição do Mato Dentro — Minas — 5-2-50.

* * *

"Chegou-nos às mãos um dos números da revista "Sesinho". Tendo-a apreciado grandemente, solicito o obséquio de enviar-me alguns exemplares, a fim de distribuí-los entre os alunos deste ginásio".

a.) JOÃO CAMARGO MONTEIRO — Diretor do Ginásio e Escola Técnica de Comércio "Barão de Antonina" — Mafra — Est. de Sta. Catarina — 27-1-50.

"Tendo lido com grande apreciação dois números da nova e interessante revista "Sesinho", venho pedir a V. S. a fineza de enviar-me outros números de propaganda. As crianças do curso primário irão gostar muitíssimo e certamente concorrerão para uma assinatura anual".

a.) IRMÃ HELENA (Filha da Caridade) — Diretora do Colégio "N. S. da Conceição" — Serro — Minas — 7-3-50.

* * *

"Agradavelmente surpreendido pela oferta amável de tão bela quanto útil revista infantil como o é o "Sesinho", venho, por meio desta, solicitar-vos material de propaganda a ser feita aqui neste ginásio. Creio terá esta vossa revista farta aceitação, embora já circulem algumas do mesmo gênero. Em o "Sesinho", porém, há uma particularidade que não possuem as outras congêneres: talvez por isto tenha ela mais aceitação: é o colorido das figuras. Para a criança não há como a côr".

a.) IRMÃO ROMANO — Ginásio "Santo Antônio" — Garibaldi — Rio Grande do Sul — 8-2-50.

* * *

"Estou certa de que as crianças muito apreciarão esta revista, que visa educá-las, moral e intelectualmente".

a.) IRMÃ AFONSINA DE OLIVEIRA — Diretora das Classes, Anexas à Escola Normal N. S. de Nazaré" — Conselheiro Lafaiete — Minas — 8-2-50.

* * *

"Agradecendo a honrosa oferta dessa interessante revista, pedimos a V. S. que nos remeta mais alguns exemplares, a fim de promovermos a sua difusão entre os estudantes deste estabelecimento".

a.) PEDRO FELICIO — Diretor da Escola Técnica de Comércio do Crato — Estado do Ceará — 1-2-50.

* * *

"A revista "Sesinho" foi aceita com júbilo por parte de nossos alunos".

a.) IVONE FRANCOZO — Diretora do Curso Primário do Colégio Estadual e Escola Normal "Dr. Francisco Thomaz de Carvalho" — Casa Branca — Est. de São Paulo — 10-3-50.

SESINHO

REVISTA DA CRIANÇA INTELIGENTE

APARECE NOS DIAS 15 DE CADA MÊS

DOIS CRUZEIROS

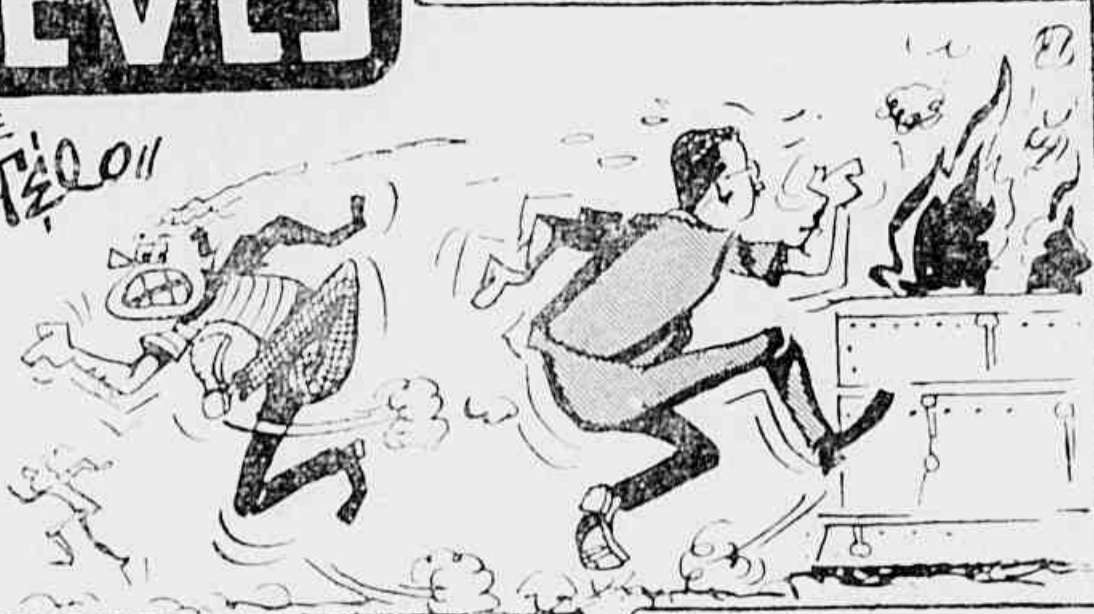
O EXEMPLAR EM TODO O BRASIL

DELÍO NEVES

UM DIA UM DEPÓSITO DE GAZOLINA PEGOU FOGO E CENTENAS DE VIDAS ESTAVAM EM PERIGO !!!

DELÍO COM O RISCO DA PRÓPRIA VIDA APAGOU O FOGO E FOI CONSIDERADO UM HERÓI POR TODOS QUE ASSISTIRAM AO FATO !!

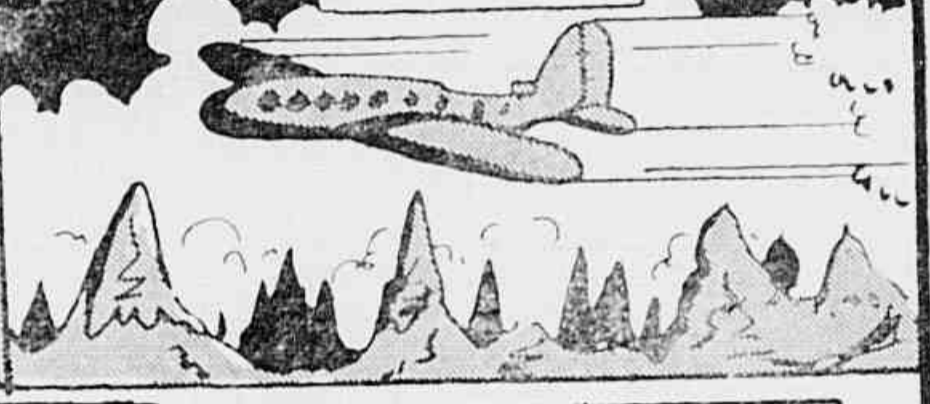
DE OTÍLIO



DELÍO ERA DIRETOR TÉCNICO DO MADUREIRA, FOI PARAR NO AMÉRICA POR CAUSA DO RANULFO ...

SIM PORQUE O RANULFO VEIO DA BAIÁ PARA O AMÉRICA "VIA MADUREIRA" ...

ESTREIOU NUMA EXCURSÃO AOS ANDES. O NOME DO DELÍO APARECEU DE REPENTE



A PRIMEIRA GRANDE FAZANHA DO DELÍO NO AMÉRICA FOI REGENERAR O PRÓPRIO RANULFO ...

HOJE RANULFO É O PRIMEIRO A DIZER:

O CRIME NÃO COMPENSA !!



APEZAR DO SEU SUCESSO DELÍO NÃO TEM DIPLOMA!

AGORA DELÍO TOPOU A MAIOR PARADA DE SUA CARREIRA AO DECLARAR:

MEU DIPLOMA É A ATUAÇÃO DOS MEUS COMANDADOS

VOU TRANSFORMAR O HELENO NUM ANJO!



TRIO FINAL DO VASCO
Barbosa, Augusto e Clarel

